

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATARUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

MARCELO GAVA

**DA ANULAÇÃO DA SINGULARIDADE AO NARCISISMO DAS PEQUENAS
DIFERENÇAS: O QUE A PSICOLOGIA DAS MASSAS NOS ENSINA SOBRE A
CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE?**

VITÓRIA

2022

MARCELO GAVA

**DA ANULAÇÃO DA SINGULARIDADE AO NARCISISMO DAS PEQUENAS
DIFERENÇAS: O QUE A PSICOLOGIA DAS MASSAS NOS ENSINA SOBRE A
CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para obtenção do título Mestrado em Psicologia Institucional, na linha Subjetividade, Saúde e Clínica.

Orientadora: Prof. Dra. Ariana Lucero

VITÓRIA

2022

MARCELO ANDERSON GAVA CORRÊA

**DA ANULAÇÃO DA SINGULARIDADE AO NARCISISMO DAS
PEQUENAS DIFERENÇAS: O QUE A PSICOLOGIA DAS MASSAS
NOS ENSINA SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADE?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Aprovada em 27 de junho de 2022

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Ariana Lucero
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Fábio Hebert da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Henrique de Oliveira Lee
Universidade Federal do Mato Grosso

Profa. Dra. Ana Augusta Wanderley Rodrigues de Miranda
Universidade Federal do Espírito Santo

BANCA EXAMINADORA

Prof.a Dr.a Ariana Lucero (Orientadora)

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Fabio Hebert da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Henrique de Oliveira Lee

Universidade Federal de Mato Grosso

AGRADECIMENTOS

À Ariana Lucero, por me acompanhar na travessia dessa escrita e por ter me orientado; mas, antes, por ter me apresentado à psicanálise que pratica, convidando-me assim a partilhá-la. Agradeço pelas valiosas sugestões, pela leitura atenta e pela amizade.

Aos professores, Fábio Santos Bispo e Leonardo Danziato, por estarem presentes na qualificação e pelas sugestões, fundamentais para o desenrolar da pesquisa.

Aos professores Fabio Hebert da Silva e Henrique de Oliveira Lee pelo acolhimento a pesquisa.

À Alberto Murta, por possibilitar a travessia das minhas identificações. Sem mobilizá-las não seria possível a escrita desta pesquisa.

À CAPES, pelo apoio à pesquisa.

Aos colegas do grupo de orientação – Maiara Borlini, Luiza Holmes, Nathachy Twane e Mauro Vassoler, pela companhia e aprendizado.

Aos colegas de cartel: Fabrício Martins, Gabriela Machado, Vitoria Roccon e Bartyra Ribeiro, por fazerem o caminho na psicanálise menos solitário.

As amigas Marina Werneck, Manuella Bersot, Lara Belfi, Isabela Falchetto, Alana Simões, Jéssica Bragio e Victor Mont’Mor que me tiravam do cotidiano e ensinavam-me a servir-me do excesso como uma experiência curativa.

À família: Mãe, pelo investimento e cuidado; Pai, pelo meu nome.

Aos meus irmãos: Kaio, Cassio, Guido, Thaís e Victor por estarem comigo em todos os momentos.

Ao Theo, por sempre alegrar nossos dias.

Sem dúvidas existe em nós uma tendência de incorrer no mesmo afeto, ao perceber sinais de um estado afetivo em outra pessoa, mas não acontece de resistirmos a ela com êxito, rechaçando o afeto e reagindo de maneira totalmente contrária? Por que então cedemos normalmente a esse contágio, estando na massa?

Sigmund Freud (1921)

Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade.

Sigmund Freud (1930)

RESUMO

Pretende-se contribuir com a análise dos fenômenos de massa e sua correlação com a constituição da subjetividade analisando três aspectos do ensaio freudiano:

- 1) Um exame das primeiras elaborações sobre o campo da psicologia das massas, dividido em dois momentos: primeiro, examinando os textos que precedem *Psicologia das massas e análise do eu* e que circunscrevem o conjunto de saber a respeito da “psicologia das massas”; segundo, retomaremos as considerações de Freud sobre a estrutura libidinal das massas psicológicas. A ideia central é, por meio da visão diacrônica, acompanhar a apropriação e evidenciar a incidência das contribuições desse campo. Para isso, iremos, em um primeiro momento, estudar como os primeiros teóricos do campo da psicologia das massas – Le Bon, McDougall e Wifred Trotter – concebiam a massa psicológica; em seguida, analisar o grafo freudiano sobre a estrutura libidinal das massas e o tipo de escolha de objeto que se encontra em jogo na eleição do líder;
- 2) Um estudo sobre às três fontes da identificação descritas por Freud em 1921, considerando o grau de indeterminação do conceito e as transformações que ele sofre ao articular-se com outros conceitos da teoria freudiana. Neste momento, desenvolveremos a ideia de que a identificação é um processo fundamental para a formação do Eu e para a constituição da massa;
- 3) Uma análise do narcisismo das pequenas diferenças e dos processos segregativos na massa a partir de um percurso sobre o sentido antitético desta expressão. Vamos cotejar três momentos em que se discute o narcisismo das pequenas diferenças: sua origem em *O tabu da virgindade* (1918), sua retomada em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) e os desfechos de *O mal-estar na cultura* (1930).

Em suma, o primeiro estudo visa pensar o campo da psicologia das massas e a entrada do pensamento psicanalítico nesse campo; o segundo, um estudo sobre às três fontes de identificação em Freud; e o terceiro, os aspectos segregativos da massa.

Palavras-chave: identificação. Psicologia das massas. Narcisismo. Constituição subjetiva.

RESUMEN

Se pretende contribuir con el análisis de los fenómenos de masa y su correlación con la constitución de la subjetividad analizando tres aspectos del ensayo freudiano:

1) Un examen de las primeras elaboraciones en el campo de la psicología de las masas, dividido en dos momentos: primero, examinando los textos que se antecedieron a la psicología de las masas y el análisis del yo y que circunscriben el cuerpo de conocimientos sobre la "psicología de las masas"; segundo, volveremos a las consideraciones de Freud sobre la estructura libidinal de las masas psicológicas. La idea central es, por medio de la visión diacrónica, acompañar la apropiación y evidenciar la incidencia de las contribuciones desde este campo. Para ello, vamos a, en un primer momento, estudiar cómo los primeros teóricos del campo de la psicología de masas -Le Bon, McDougall y Wifred Trotter- concibieron la masa psicológica; a continuación, analizar el grafo freudiano sobre la estructura libidinal de las masas y el tipo de elección de objeto que se está en juego en la elección del líder;

2) Un estudio sobre las tres fuentes de la identificación descritas por Freud en 1921, teniendo en cuenta el grado de indeterminación del concepto y las transformaciones que el sufre al articularse con otros conceptos de la teoría freudiana. En este momento, desarrollaremos la idea de que la identificación es un proceso fundamental para la formación del Yo y para la constitución de la masa;

3) Un análisis del narcisismo de las pequeñas diferencias y de los procesos de segregación en la masa a partir de un recorrido sobre el sentido antitético de esta expresión. Vamos a cotejar tres momentos en los que se discute el narcisismo de las pequeñas diferencias: su origen en El tabú de la virginidad (1918), su reanudación en Psicología de las masas y análisis del yo (1921) y los desenlaces de El malestar en la cultura (1930).

En resumen, el primer estudio tiene como objetivo reflexionar sobre el campo de la psicología de las masas y la entrada del pensamiento psicoanalítico en este campo; el segundo, un estudio de las tres fuentes de identificación en Freud; y el tercero, los aspectos de segregación de la masa.

Palabras clave: Identificación. Psicología de masas. Narcisismo. Constitución subjetiva.

ABSTRACT

It is intended to contribute mass phenomenon's analysis and its correlation to subjectivity constitution, analyzing three aspects of the freudian essay:

1) An examination of the first elaborations on mass psychology, split into two terms: first, examining the texts lead to the making of "*Mass Psychology and Ego Analysis*" that circumscribe the accumulated knowledge in regards to mass psychology studies; secondly, retaking Freud's considerations on mass psychology's libidinal structure. The main idea is, through a diachronic outlook, to follow the appropriation and to emphasize the impact of mass psychologys studies into the freudian theory of mass psychology. Para isso, firstly the aim is to read into how the pioneer authors of mass psychology studies - Le Bon, McDougall and Wifred Trotter - conceived the mass psychology; afterwards, the goal is to analys freudian's outlook mass psychology's libidinal structure and the kind of object choice is at stake into the leader's election.

2) A study on the three identification sources described by Freud in 1921, taking in consideration the level of indetermination of the concept and its transformations throughout being articulated to other psychoanalytic concepts. Thus, the idea of identification as a fundamental process to ego formation and to the formation of the mass, was developed by the means of the present research.

3) An analysis of small differences' narcissism and segregative processes into the mass from a trajectory work on the antithetic sense of that expression. In order to work through these issues, it was looked into three works where small diferences' narcissism is discussed: *Virignity's Taboo (1918)*, its recovery by *Mass Psychology and Ego Analysis (1921)* and the conclusions of *Civilization and Its Discontents (1930)*. In short, the first study aims to think through the field of mass psychology and the upbringing of psychoanalytical thought to this field, and the second aims to examine the sources of identification into freudian theory, and in the third term of this work was to elaborate on the segregative aspects of the mass.

Key words: Identification. Mass psychology. Narcisism. Subjective Constitution.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A estrutura libidinal da massa psicológica.....	31
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. FORMAÇÃO DA MASSA PSICOLÓGICA.....	19
2.1. Freud leitor dos teóricos das massas	20
2.2 Teoria da libido e introdução à questão da identificação	27
2.2.1. As instâncias ideais nas massas: ideal do Eu e Eu ideal.....	30
2.2.2. O narcisismo e o tipo de escolha de objeto	32
2.5 Considerações finais.....	37
3. AS IDENTIFICAÇÕES	40
3.1 Identificação primária e pai como ideal	43
3.2 Identificação regressiva e complexo de Édipo	47
3.3 Identificação histérica e desejo	52
3.4 Considerações finais.....	58
4. NARCISISMO DAS PEQUENAS DIFERENÇAS E SEGREGAÇÃO SOCIAL	61
4.1 Narcisismo e diferença: uma construção antitética	63
4.2 Primeiras palavras em torno do narcisismo das pequenas diferenças	66
4.3 O dilema do porco-espinho	67
4.5 Outro modo de constituição das massas	70
4.6 Considerações finais do capítulo.....	74
5. CONCLUSÃO.....	77
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82

1. INTRODUÇÃO

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 2007).

Ao completar um século em 2021, o que tem ainda a nos dizer o ensaio *Psicologia das Massas e Análise do Eu*? Se é verdade que o principal legado de Freud foi a fundamentação de um método do tratamento da alma por meio da palavra, veremos que a psicanálise também inovou de forma radical e irreversível o modo de proceder à análise dos fenômenos sociais.

Mesmo que Sigmund Freud não tenha apontado em seus escritos a pretensão de construir uma teoria social, o interesse por questões do coletivo se manifesta ao longo de sua obra, em especial, quando se destina a pensar as consequências da descoberta do inconsciente para a vida em sociedade. Assim, *Psicologia das massas e análise do eu* formaliza a ideia de que a vida social é parte integrante da constituição do sujeito. A questão assim instituída abriu um novo campo de tensão exatamente nesse texto de 1921, opondo, de um lado, as forças dos fenômenos sociais, as relações de um indivíduo com o outro e, de outro, os processos narcísicos, em que a satisfação pulsional obtida, a princípio desconsidera totalmente a presença do outro.

Logo no início do texto freudiano temos a ideia de que o sujeito não pode ser apreendido fora do coletivo onde ele está inserido. Nessa perspectiva, esta pesquisa nasceu do interesse em abarcar esse novo campo de tensão entre os processos narcísicos e os fenômenos sociais. Freud (1921/2020) parece explicar o sentido antitético desse campo de tensão ao trabalhar os fenômenos de massa como fenômenos que envolvem o narcisismo do sujeito.

Sabe-se, pela teoria psicanalítica construída por Freud, que os fenômenos de constituição do sujeito e de instituição do laço social (do grupo e da cultura) ocorrem simultaneamente. Jacques Lacan (1945/1998), fazendo referência à produção de Freud sobre o coletivo, resume da seguinte forma: “o coletivo nada mais é do que o sujeito do individual” (p. 213). Portanto, Freud traz aportes importantes para as reflexões que relacionam o indivíduo e o coletivo em sua simultaneidade. Betty Fuks afirma que a teoria freudiana: “ao mesmo tempo, em que, levando as consequências da descoberta inconsciente até o fim, estendia seu entendimento aos sintomas e ao mal-estar da coletividade humana” (2003, p. 5). Desse modo, sua descoberta torna-se fundamental para pensarmos algumas questões: o que aparece como aquilo que nos constitui tanto individual quanto coletivamente? Por que nos identificamos de forma individual ou coletiva com sentimentos de pertencimento, ou de estranheza? Quais sintomas são compartilhados nas identificações coletivas que formam a massa?

Tanto as identificações quanto a lógica de funcionamento que podemos extrair de uma massa são bastante difíceis de serem definidas e bem delineadas, enquanto, a princípio, convocam territórios heterogêneos, que remetem a campos diferenciados. De um lado, teríamos aquilo que se refere a uma identidade, uma unidade, um Eu individual e coeso; e, de outro lado, encontraríamos o grupo, as pessoas com quem esse Eu tem que se relacionar, muitas vezes, abrindo mão desse Eu em prol dos ideais do grupo. Por que, então, Freud (1921) decide falar desses dois termos em um único trabalho?

O texto de Freud, *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), começa com a seguinte passagem: “a oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que pode nos parecer muito importante à primeira vista, perde muito de sua nitidez se examinada a fundo” (FREUD, 1921/2020, p.137). Segundo o psicanalista Antônio Quinet (2020)¹, entre esses dois polos aparentemente independentes, o individual e o coletivo, Freud estabelece uma relação de continuidade, indicando nessa polaridade uma via de mão dupla ao considerar que, “na vida psíquica do indivíduo o outro é, via de regra, considerado como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário, por isso a psicologia individual é também, de início, simultaneamente social, nesse sentido ampliado, mas inteiramente legítimo” (FREUD, 1921/2020, p.137). Essa foi, portanto, a novidade para a qual Freud começou a preparar o leitor, que o individual e o coletivo pertencem à mesma estrutura e obedecem às mesmas leis, “ao admitir que as mesmas leis determinam tanto o individual quanto o social” (IANNINI & SANTIAGO, 2020, p.44), e a identificação aparece na base tanto da constituição do Eu, quanto na formação do coletivo.

Elias Canetti, em seu livro *Massa e poder* (1995), entende que um fenômeno enigmático e universal é o da massa que repentinamente se forma onde, antes, nada havia. Em outras palavras, trata-se de um fenômeno em que as pessoas afluem na mesma direção, onde o movimento de uns comunica-se a outros. Entretanto, não é só isso; o autor trabalha o fato de que a massa também encontra-se protegida de influências exteriores que lhe poderiam ser hostis e perigosas. Por isso, na formação da massa, trata-se do momento em que todos os que a compõem desvencilham-se de suas diferenças e passam a agir como iguais. O autor ainda trabalha a ideia da massa como um anel fechado, onde nada lhe escapa, e que, portanto, qualquer

¹ O psicanalista Antonio Quinet transmitiu uma série de lives em sua rede social durante a pandemia em 2020; na live intitulada “A massa. O sujeito. Abjeto”, o psicanalista considera que entre o individual e o coletivo Freud estabelece uma relação de continuidade.

fissura nesse anel acarretaria a desagregação da massa. Segundo Canett: “essa massa é fechada para o exterior e fechada em si – é, pois, duplamente fechada” (1995/2019, p. 38). Por isso, todos tornam-se muito parecidos e comportam-se de modo semelhante. Nesse sentido, a massa analisada por Freud funciona de forma homogênea e deseja fazer a congregação de muitos, um único grupo que compartilha ideais, desejos e inimigos.

Em seu percurso teórico, Freud mostrou o papel do fator libidinal na constituição dos laços sociais e a maneira como este fator conecta-se com a produção discursiva em determinado momento da história. Sabemos que a teoria psicanalítica foi marcada por um período de guerras, epidemia, perseguições e um avanço constante do fascismo que levou o mundo a uma guerra mundial de proporções nunca vistas até hoje. Nesse contexto, no referido texto de Freud (1921/2020), o psicanalista antecipava, com suas ideias, aquilo que o nazismo poria em prática nas décadas seguintes da maneira mais espetacular e terrível, como o genocídio de milhões de judeus, homossexuais, ciganos, pacientes psiquiátricos, portadores de deficiência física e outras minorias (RIVERA, 2020).

Freud pôde extrair conclusões que se revelaram premonitórias quando nos anos de 1930 uma política de identidade racista e xenofóbica, o nazifascismo, ascendeu ao poder. A crescente radicalização dos movimentos fascistas e de segregação parece ter impellido Freud a desvelar as relações entre o indivíduo e o grupo. O filósofo Theodor W. Adorno (2015, p.157) também considera que no clássico ensaio freudiano de 1921, o psicanalista “antecipou o surgimento dos movimentos de massa fascista em categorias puramente psicológicas”. Segundo o psicanalista Ricardo Goldenberg (2014), é no auge da tensão generalizada diante dos movimentos sociais provocados por essa onda migratória gerada pela maquinaria capitalista, que a sociologia francesa deu à luz uma “ciência das multidões”. Tendo isso em vista, fazemos eco à pergunta de Vladimir Safatle: “estamos a falar de um fenômeno de massas situado nos anos trinta do século passado ou de uma latência presente no interior das sociedades liberais, que podem emergir a qualquer momento?” (2019, p.3).

O interesse pelo comportamento das multidões, das massas ou dos grandes grupos surge a partir do século XVIII à medida que reivindicações e revoltas populares se tornaram mais frequentes. Freud escreve em 1921: a Revolução Russa já acontecera; quanto ao nazismo, ele não havia ainda triunfado, mas estava em ascensão. Não há dúvidas, no horizonte de seu texto, da presença do risco percebido dos coletivismos crescentes que fizeram o drama do século XX. Havia uma percepção específica sobre a necessidade de compreender esses movimentos, entre

outras razões, a fim de controlá-los. O que preocupava os poderes dominantes estava na origem da preocupação da psicologia das massas, presentes no texto de Le Bon e Mc Dougall, citados por Freud.

No prefácio do livro *Psicologia das Massas* (1895), Le Bon afirma que as massas sempre tiveram um papel fundamental na história, mas nunca como atualmente. Entendemos que Freud (1921/2020) também dá importância às massas ao lançar um olhar sobre o seu tempo e para as complicações que dele surgem. Em seu ensaio, a progressão da teoria psicanalítica foi, assim, essencialmente operada por intermédio dos estudos em psicologia social, sendo cada vez mais separável dos esforços dos autores da psicologia social de atribuir a gênese da massa a conceitos como sugestão e instinto gregário.

Segundo Vladimir Safatle (2019), em seu curso “Psicologia do fascismo”, o campo da psicologia das massas nasce no final do século XIX no interior de uma conjunção explícita entre: criminologia, reflexão sociológica sobre o impacto de urbanização na Europa, reflexão política sobre movimentos de massa, além de considerações sobre a psicologia do desenvolvimento. Freud (1921/2020) abdica de subsumir sua leitura sobre os fenômenos de massa a uma sociologia. Ao abordar os fenômenos de massa, o psicanalista remete a campos que em suas diferenças formam um conjunto de reflexões que conversam entre si. Buscaremos, a partir da psicanálise, uma via possível de produção de análise acerca dos movimentos de massa em sua homologia com a constituição do Eu. Mas como a psicanálise compreende uma massa psicológica? Na escolha de sua terminologia, *Massenpsychologie*, traduzido para o francês como *psychologie des masses*, e para o português como “psicologia das massas”, Freud parece marcar uma diferença com relação aos autores que vinham discutindo o tema. Para percorrer esse caminho, destacaremos aqui as diferenças entre rebanho e horda, inconsciente da raça e inconsciente recalcado, contágio e sugestão.

Pretendemos, então, traçar um trajeto que se inicia no *Capítulo 1 – A formação da massa psicológica*. Em um primeiro momento, esta pesquisa assumiu a forma geral de estudar alguns aspectos da leitura de Freud sobre os teóricos das massas, analisando e conectando textos que no ensaio freudiano sobre *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) tinham alguma relevância acerca da formação da massa psicológica, a saber, *Psychologie des Foules* (1895), *Instinto Gregário* (1908) e *The Group Mind* (1920). No seu ensaio, Freud vai tentar interpretar esses fenômenos a partir dos elementos e ferramentas conceituais que os sociólogos dispõem. Passamos a buscar o cerne do pensamento de Freud, os elementos que o autor busca privilegiar

em suas análises a respeito das massas. Logo, porém, percebemos que o autor utiliza-se de um conjunto de conceitos de sua metapsicologia, o que parecia trazer uma contribuição fundamental para a construção do problema a respeito das massas. Veremos, a partir dos conceitos freudianos que culminaram na sua *análise do eu* o grafo sobre a estrutura libidinal da massa psicológica. Abordaremos tais conceitos a partir de Freud para, assim, compreendermos como se deu a leitura psicanalítica que se mostra tão diferente da concepção da psicologia social. Mas não é só isso, abordar o grafo freudiano a partir da leitura dos seus próprios conceitos nos permite fazer uma releitura acerca da constituição libidinal das massas e o tipo de escolha de objeto que se encontra em jogo. A análise sobre o tipo de escolha de objeto revela a presença de uma experiência sexual insatisfeita que se transforma em elemento de identificação do grupo. Por isso, se optamos por um retorno ao tipo de escolha de objeto, é por considerar que:

O narcisismo, desde suas origens, procurou dar conta de uma dupla problemática: por um lado, pensar na constituição dos indivíduos e, por outro, fornecer um substrato teórico que permite pensar processos variados de socialização, como dinâmicas de identificação e de relação objetal (CRISTÓFARO/DOMICIANO/NAKASU/GARGANO/PROPHETA/MANZI/CARNEIRO, 2018 p.160).

Freud (1921/2020) demonstra no texto que as massas se organizam em torno de um líder que, para elas, encarna seu ideal de Eu, alguém que aduna demonstração de força, potência e até violência, que surge como o defensor da massa e que a ela promete seu amor em troca de sua subserviência. As massas, portanto, são analisadas considerando as dinâmicas psíquicas do sujeito e a mobilização de suas instâncias ideais. Veremos como Freud (1921/2020) parte de sua “análise do Eu” para analisar os investimentos libidinais na formação dessas instâncias coletivas.

Logo, porém, percebemos que Freud (1921/2020) privilegia em seus estudos os processos psicológicos que levam a transformações no indivíduo em condição de massa, chegando aos seus estudos sobre a *identificação*. Foi, então, necessário fazer um segundo recorte em relação à formação das massas, onde, no *Capítulo 2*, optamos por privilegiar o estudo sobre as identificações com as quais nos deparamos em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921).

Freud (1921/2020) trabalha as identificações em três tempos: um momento *pré-edípico*, onde a identificação aparece como a primeira forma de laço com o objeto; um segundo

momento edípico, marcado pela introjeção do objeto no eu; e, por fim, a identificação que marca um momento posterior a dissolução do complexo de Édipo, correspondendo a uma dinâmica que surge a partir de uma nova percepção de uma qualidade em comum partilhada.

Entendemos que estudar um conceito na teoria psicanalítica tem suas particularidades, uma dessas particularidades deve-se ao fato de que os conceitos freudianos conservam certo grau de indeterminação. Dado que são evocados de diferentes campos de análises e articulam-se com outros significantes produzindo outras versões de si mesmo. Freud realizou sua elucidação do problema geral da identificação nos fatos da língua, sintomas e sonhos. Somente depois ele tentou retomar as relações latentes de coesão e reunir os elementos de uma teoria, dispersos na experiência (FLORENCE, p.115, 1987/1994).

Seguindo seu pensamento, ressaltamos a impossibilidade de uma teoria unificada das identificações em Freud, por isso, buscaremos abarcar a pluralidade deste conceito – não havendo nenhuma tentativa totalizante de capturá-lo, visto que, ao ser lido em diferentes momentos da obra freudiana, ao se articular com conceitos diferentes de sua teoria, as identificações vão assumindo outras formas. Acompanhando Freud, não buscaremos o “porquê” das identificações, tentaremos considerar o “como”. Vamos tentar examinar, sem garantias de sucesso, alguns pontos das identificações, considerando que nos textos de Freud nada é descartável, sendo necessário desenvolver pontos que devem permanecer como aporias de seu ensino. Por isso, no segundo capítulo convém que nos detenhamos nas três fontes de identificação como postuladas por Freud.

Seguido desse percurso teórico, entraremos no *Capítulo 3 – “Narcisismo das pequenas diferenças e segregação social”*, tentando retomar outra modalidade de formação da massa, que Freud elabora no texto *O Mal-estar na cultura*. Neste texto, a massa se forma por eger o mesmo objeto para onde será dirigido o seu ódio, as formações das massas “contém um sedimento de rejeição e de hostilidade” (FREUD, 1921/2020, p.174). Se avançarmos nesse aspecto da obra freudiana é por entendermos o caráter inesgotável de seu ensino. O psicanalista dispõe em sua estrutura libidinal das massas dois eixos que a caracterizam, leia-se: o eixo vertical de identificação entre o líder e seus liderados e, por outro lado, um eixo horizontal entre os membros do grupo. A partir dessa acepção freudiana nos interrogamos se seria possível a inclusão de um terceiro eixo que derivaria desses dois primeiros: o eixo dos processos segregativos. Em outros termos, nos interrogamos se os processos de segregação seriam imanentes às massas psicológicas como descritas por Freud em 1930. Nesse sentido,

buscaremos compreender os afetos, o amor e o ódio como alguns dos amálgamas das massas, considerando que as massas humanas se organizam de duas maneiras: das identificações pela via do amor e através da eleição de algo externo pela via do ódio.

Se antes Freud afirmou que na massa psicológica o indivíduo passa por transformações, no terceiro capítulo veremos que por força da identificação com o líder os indivíduos aceitariam ideias que antes lhe seriam insuportáveis, endossando e praticando atos de eliminação do inimigo apontado pelo líder. De acordo com Freud (1921/2020), nessas antipatias e aversões para com estranhos podemos reconhecer um narcisismo que se empenha na afirmação de si, expressão de um amor a si próprio. A formação de grupo precisa enxergar-se como homogênea para permanecer unida, em simultâneo, tornara-se absolutamente intolerante com a diferença.

Tendo isso em vista, destacamos a função do “narcisismo das pequenas diferenças” nas formações grupais. Veremos como essa expressão surge no texto “O tabu da virgindade” (1917), onde Freud permite-nos pensar os mecanismos que engendram processos de segregação, enquanto o narcisismo estaria na base da constituição do “eu”, do “nós” e do “outro”, que, por sua diferença surge como ameaça à coesão grupal. Um grupo, inclusive, só pode sustentar o amor entre os membros, algo fundamental para sua formação e integridade, visto que direciona pulsões violentas e destrutivas a outros grupos. Caso contrário, a agressividade volta-se para o próprio grupo, que depende dessas ligações libidinais amorosas. Não será demais ressaltar, portanto, o sentido antitético da expressão *narcisismo das pequenas diferenças*. Neste ponto, estudaremos a origem desse termo e os aspectos desse narcisismo que não se opõe a diferença, mas associa-se a ela para se valer enquanto tal.

Nessa direção, partindo das considerações psicanalíticas, não vamos considerar os fenômenos de massa como a manifestação de um instinto primitivo, tampouco tomaremos os processos de segregação como regressões sociais de um inconsciente hereditário ou primitivo. Como nos orientou Freud, “é preciso estar igualmente vigilante em relação a duas fontes de erro, o Cila, de subestimar o inconsciente recalcado, e o Caribdes, da tendência a determinar o que é normal inteiramente pela medida do que é patológico” (1921/2021, p. 209). Testemunhamos que um “retorno a Freud” está sempre por ser refeito e inventado. Segundo Garcia Roza, o retorno a Freud, através da releitura dos seus textos, modifica efetivamente essa teoria, ao invés de ser uma mera reduplicação, um mero suplemento histórico à teoria (1994, p.15).

Nessa direção, a escolha de trabalhar o texto freudiano é por encontrar no seu pensamento um guia para a leitura da subjetividade humana em conjunção com a sociedade onde a mesma se constitui, dado que “[...] a pretensão de Freud sempre foi a leitura da singularidade do sujeito em conjunção com problemas maiores da sociedade e da cultura” (HOFFMANN & BIRMAN, 2018, p.7).

A sistemática adotada neste trabalho de relacionarmos a formação das massas, as identificações e o narcisismo das pequenas diferenças evidencia que esses movimentos ocorrem de forma inseparável. No entanto, assumem constructos teóricos diferentes, que operam nas incidências do pensamento freudiano sobre a constituição da subjetividade e a formação das massas psicológicas. Sendo assim, partiremos desses caminhos para trabalhar as nuances do pensamento freudiano.

2. FORMAÇÃO DA MASSA PSICOLÓGICA

No ensaio de *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2020), Freud inicia sua investigação sobre as mudanças que sofre o indivíduo ao fazer parte de uma “massa psicológica”. Ao se deparar com essa questão, o psicanalista faz algumas perguntas que nos auxiliam no desenrolar do seu ensaio, a saber: “O que é então uma massa (...), e em que consiste a modificação psíquica que ela impõe ao indivíduo?”.

Na tradução do seu ensaio pela editora Autêntica (2020), encontramos uma nota de rodapé que nos esclarece acerca da utilização do termo “massa”. Para Freud, aparentemente, ‘Masse’ (massa), ‘Menge’ (multidão/agrupamento) e ‘Groupe’ (grupo) são termos usados como sinônimos. No entanto, acompanhamos em *Psicologia das massas e análise do eu* que o psicanalista emprega o termo “massa psicológica” para uma formação específica, que não se limita simplesmente a um conjunto de pessoas (vale lembrar que Freud considera que nem todo agrupamento compreende uma massa). As massas somente são possíveis à luz dos processos psíquicos individuais que as formam, como os que se referem ao Eu e seus ideais.

Freud aprecia a formação das massas fazendo analogias valiosas com a *análise do Eu*. Em seu ensaio, o autor expõe o ponto de vista que o laço social tem um papel fundamental para a constituição do Eu. É preciso, portanto, dar a devida atenção à afirmação de Freud (1921/2020) de que as massas servem de “modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário” (p.137) em relação à psicologia individual. A vida anímica coletiva, o comportamento das massas, portanto, age conforme as mesmas relações entre Eu, Eu-ideal e Ideal do Eu que Freud apresenta a respeito do indivíduo. Ou seja, para Freud (1921/2020), as massas e os indivíduos são marcados pela vida anímica inconsciente.

Como veremos mais adiante, para fundamentar o seu pensamento a respeito das massas, Freud (1921) constrói uma análise crítica dos textos que o precedem e circunscrevem o conjunto de saber a respeito da “psicologia das massas”. Logo nos primeiros capítulos, vemos que o autor coloca questões, a partir do referencial psicanalítico, que a psicologia social não consegue responder. Freud se servia de determinados autores para certos temas, entretanto, os impasses clínicos e conceituais iam mudando essa afinidade.

Por isso, neste capítulo, pretendemos (1) analisar alguns aspectos da leitura de Freud sobre os teóricos da psicologia das massas e a ruptura da psicanálise com o campo da psicologia social; para isso, então, revisitaremos a leitura de Freud sobre os primeiros teóricos

do campo da psicologia das massas, sobretudo McDougall, Le Bon e Wilfred Trotter; e, (2) retomar as considerações de Freud em seu grafo sobre a constituição libidinal das massas e o tipo de escolha de objeto, para sublinharmos o caráter narcísico das massas e sua diferença com relação aos teóricos mencionados anteriormente.

2.1. Freud leitor dos teóricos das massas

Em seu ensaio, Freud (1921/2020) faz referência a principal obra de Gustave Le Bon, *Psychologie des foules* (1895), que teria como tradução mais apropriada *psicologia das multidões*, visto que Le Bon analisa a formação de massas transitórias e efêmeras. Além de contemplar as discussões feitas por Le Bon, Freud (1921/2020) circunscreve o debate que provinha do mundo anglo-saxão, principalmente com os trabalhos de Wilfred Trotter, a respeito do *instinto gregário* (1908), e de William Mc Dougall, *“The Group Mind”* [A mente grupal] (1920), que discute o fato da massa ter ou não ter uma organização. Em vista disso, a respeito da massa psicológica, Freud (1921/2020) interroga qual processo psíquico estaria em questão na formação grupal, estabelecendo, no início do seu texto, um amplo diálogo com autores da psicologia social e da sociologia, construindo dois capítulos subsequentes de revisão dos estudos de psicologia das massas.

Para Mc Dougall (1920), uma massa (*group*) sem uma organização mais complexa é definida como uma multidão; já uma massa organizada estaria em uma complexidade superior em relação a uma massa sem organização. O autor destaca algumas *“principal conditions”* para que isso ocorra: (1) certo grau de continuidade na sua existência; (2) realizações e reivindicações da massa, de maneira que dela resulte um vínculo afetivo; (3) que a massa se coloque em relação com outras semelhantes, mas em pontos diferentes, para haver rivalidade entre elas; (4) que a massa tenha costumes, tradições e disposições no que se refere à relação dos membros entre si; (5) divisão de papel de cada indivíduo que compõe a massa. Sobre essas condições, Freud (1921/2020) diz: “trata-se de promover a massa daquelas mesmas qualidades que eram características do indivíduo e que nele foram extintas para a formação da massa” (p. 38). Assim, podemos perceber logo no início do seu ensaio a relação que Freud traça entre os processos que envolvem o sujeito e a formação das massas.

Mc Dougall e Le Bon evidenciam certa tendência do ser humano a se contagiar pelo afeto de outra pessoa, no entanto, Freud sinaliza que há certa resistência a essa tendência de contágio, exceto nas condições para formação da massa psicológica.

Sem dúvidas existe em nós uma tendência de incorrer no mesmo afeto, ao perceber sinais de um estado afetivo em outra pessoa, mas não acontece de resistirmos a ela com êxito, rechaçando o afeto e reagindo de maneira totalmente contrária? Por que então cedemos normalmente a esse contágio, estando na massa? De novo será preciso dizer que é a influência sugestiva da massa que nos leva a obedecer a esta tendência à imitação, que induz em nós o mesmo afeto (FREUD, 1921, p. 41).

Nesse ponto, Freud (1921/2020) faz suas ressalvas em relação ao fenômeno da sugestão. O psicanalista destaca que esses autores procuraram explicar a incorporação de um indivíduo na massa tomando por base a sugestibilidade. Ou seja, para esses autores, a questão fundamental seria que, pela sugestão, o indivíduo em determinado grupo passaria a agir de forma específica, diferentemente do que se passa quando se encontra em estado isolado. Portanto, a sugestão era considerada o operador da formação de massa por ser o elemento que proporcionaria a intensificação do afeto e a tendência a um direcionamento comum. Mas, se por um lado, a sugestão explicaria a tendência dos seres humanos a incorrer no mesmo afeto, segundo Freud (1921/2020), o próprio termo careceria de explicação.

Por isso, não podemos perder de vista que há também diferenças entre as concepções de massa em Freud e em Le Bon, embora Freud tenha extraído alguns fatos notáveis do livro *La psychologie des foules*, publicado em 1895. O psicanalista encontra uma problemática com a qual compartilha, ainda que conceba outros encaminhamentos para as questões a respeito das massas. Freud (1921/2020) destaca trechos do livro de Le Bon nos quais afirma que quaisquer pessoas, por mais diferentes que sejam, ao formarem uma massa torna-se possuidora de uma alma coletiva, “essa alma os faz sentir, pensar e agir de uma maneira completamente diferente de como cada um deles sentiria, pensaria e agiria isoladamente” (FREUD, 1921/2020, p.140). Outro ponto notável é que o sociólogo também atribui essa mudança de comportamento dos indivíduos em uma massa psicológica ao desaparecimento da personalidade consciente, dado que, para ele, “nossos atos conscientes derivam de um substrato inconsciente, formado particularmente por influências hereditárias (...) por trás dos motivos confessados de nossos atos existem, sem dúvida, as razões secretas que não confessamos” (LE BON, 1895, p.14).

Para Le Bon (1895), na massa, apagam-se as aquisições singulares do indivíduo e, com isso, sua singularidade desaparece e o inconsciente próprio da raça emerge. O autor descreve o estado dos indivíduos na massa como hipnótico para insistir no caráter inconsciente do comportamento dos indivíduos ao formarem uma massa psicológica; sua tese consiste em defender que as massas estão longe de ser um caos, mas uma massa popular possui uma organização interna e leis próprias. De início, ele admite que a formação de uma massa psicológica não é apenas uma somatória dos comportamentos individuais. No entanto, para Freud (1921/2020), o que estaria em questão seria esclarecer:

O fato surpreendente de que esse indivíduo (...) sente, pensa e age de modo inteiramente diferente do que seria esperado, e essa condição é a sua inclusão em uma massa humana que adquiriu a característica de uma massa psicológica (FREUD, 1921/2020 p.140).

Freud considera que seria suficiente dizer que o indivíduo, na massa, encontra-se colocado sob condições que lhe permitem se livrar dos recalcamientos inconscientes, o que teria por consequência o desaparecimento da responsabilidade e da consciência moral, dado que é “essa supressão do recalque que aproxima os fenômenos de massa e as formações do inconsciente” (SAFATLE, 2019, p.19). Aqui, faz-se necessário demarcar a diferença na concepção do termo inconsciente feita pelo próprio Freud em relação a Le Bon:

Uma certa diferença entre a concepção de Le Bon e a nossa resulta de que seu conceito de inconsciente não coincide inteiramente com aquele tomado pela Psicanálise. O inconsciente de Le Bon contém sobretudo as marcas distintivas mais profundas da alma da raça, a qual não é levada em conta pela Psicanálise individual. Na verdade, não ignoramos que o núcleo do Eu (o Isso, como o chamei mais tarde), ao qual pertence a “herança arcaica” da alma humana, seja inconsciente, e além disso, nós distinguimos o “recalcado inconsciente”, que se originou de uma parte dessa herança. Esse conceito do recalcado falta em Le Bon (FREUD, 1921/2020, p.143).

Le Bon vincula o inconsciente à hereditariedade, justamente por definir o “inconsciente da raça” como aquilo que pode ser herdado e transmitido. Por outro lado, Freud (1921) situa o inconsciente como resultado do recalque que atua na separação consciente e inconsciente. O recalque é um processo que afeta as representações na fronteira entre os sistemas Inconsciente (Ics) e Pré-Consciente/Consciente (Pcs-Cs), sendo, portanto, responsável pelo impedimento de chegada ao sistema de conteúdos que seriam angustiantes e insuportáveis à psique, advindo de experiências infantis. Nesse sentido, o recalcameto consiste no fato de afastar determinada representação do consciente, mantendo-a à distância. Essa é considerada a primeira divisão do

aparelho psíquico, também conhecida como primeira tópica, formulada em 1900 e apresentada em 1915, no texto *O inconsciente*.

Mesmo com fundamentos diferentes, Freud insiste no diálogo com Le Bon, sublinhando que “a estrutura psíquica que se desenvolveu de maneira tão diversa nos indivíduos é removida, enfraquecida, e o fundamento inconsciente, semelhante em todos, é colocado a descoberto (torna-se operante)” (FREUD, 1921/2020, p.142). Isso justificaria que o indivíduo na massa adquire, pelo simples fato de número, um sentimento de poder invencível, que lhe permite ceder aos instintos (*Triebe*). Nesse caso, o sentimento de responsabilidade, que retém sempre os indivíduos, desaparece completamente. Sobre este ponto, Freud faz valer sua afirmação de que o indivíduo, na massa, encontra-se colocado sob condições que lhe permitem se livrar dos recalamentos de suas moções pulsionais inconscientes. Daí derivaria o aparecimento de características novas, que para ele surgem devido ao “desaparecimento da consciência moral ou do sentimento de responsabilidade” (FREUD, 1921/2020, p.142).

Essas questões apontam para outra dimensão relevante nas massas, segundo a leitura que Freud (1921/2020) realiza de Le Bon. Um indivíduo tendo perdido a personalidade consciente obedece a todas as sugestões do operador que o fez perdê-la e comete os atos mais contrários ao seu caráter. Por isso, considera-se que o estado do indivíduo na massa aproxima-se da fascinação que acomete o hipnotizado sob influência do hipnotizador (p.144). Freud (1921/2020) ressalta que Le Bon explica o estado do indivíduo na massa como sendo realmente hipnótico, e não simplesmente o compara com esse estado. Desde suas considerações a respeito da hipnose em 1889, o psicanalista demonstra que a marca mais significativa da hipnose é: “a dependência da atividade mental da pessoa hipnotizada em relação à do hipnotizador” (FREUD, 1889/1990, p.135).

Nesse sentido, a importância do pensamento de Le Bon para Freud é por este autor ressaltar a mútua influência dos indivíduos na massa e o seu caráter hipnótico. Contudo, Freud questiona-se sobre a função da pessoa que substitui o hipnotizador para a massa, compreendendo que este lugar pode ser ocupado por um líder ou uma ideia. Esse seria um ponto cego na teoria de Le Bon, dado que o psicanalista assevera que a massa torna-se incompreensível se negligenciarmos aquele que ocupa o lugar de líder.

Freud (1921/2020) termina a parte introdutória do seu ensaio identificando um ponto cego na teoria de Le Bon e de Mc Dougall, que consiste em omitir a reflexão sobre a importância do líder para as massas. Destacamos, no entanto, que o psicanalista extraiu alguns

elementos da teoria de Le Bon e Mc Dougall a respeito da formação da massa psicológica, como podemos acompanhar nas citações a seguir: “para que, dos membros casualmente agrupados de uma multidão de seres humanos forme-se algo como uma massa no sentido psicológico, é exigida a condição de que esses indivíduos tenham algo em comum” (FREUD, 1921/2020, p.154); ou ainda, “o fenômeno mais curioso e, ao mesmo tempo mais importante da formação das massas seria então a intensificação do afeto” (FREUD, 1921/2020, p.155).

Freud também faz uma revisão dos estudos de Wilfred Trotter, que em *Instintos gregários na paz e na guerra* (1908), compreende o princípio de toda formação grupal como a expressão de uma pulsão particular e irredutível à análise, a chamada pulsão social ou instinto gregário – *hard instinct, group mind*. Compreendemos, a partir da leitura realizada por Freud em 1921, que Trotter considera que o instinto gregário (*Herdeninstinkt*) é inato no ser humano por abranger a tendência que os seres vivos têm de se reunirem em crescentes; para Trotter, tal instinto estaria em operação em todo organismo vivo. Não obstante, nas considerações de Freud sobre o instinto gregário, sua leitura segue outras duas possibilidades: “a de que a pulsão social não deve ser originária nem indivisível e a de que os inícios de sua formação podem ser encontrados em um círculo mais estreito, como o da família” (FREUD, 1921/2020, p.138). Ou seja, em psicanálise, a condição do indivíduo se vincular ao grupo não encontra explicação na existência de um instinto social.

Freud (1921/2020) afirma que “o instinto gregário não deixa nenhum espaço para o líder; este só é adicionado no rebanho acidentalmente (...) falta o pastor do rebanho” (p.195). Esse gregarismo, segundo Trotter, seria o instinto responsável por fazer do homem um animal coletivo. Ao defender a importância do líder, Freud propõe uma correção do enunciado de Trotter de que o ser humano seria um animal de rebanho (*Herdentier*). Para o psicanalista, trata-se antes de um animal de horda, “um ser individual de uma horda conduzida por um chefe” (FREUD, 1921/2020, p.199). Neste ponto, Freud reencontra, à luz da descrição de massa psicológica, no eixo formado entre rebanho e chefe, grupo e líder, os componentes que ele pode descrever como sendo o primeiro estado social, a horda e o pai tirânico. Freud (1921/2020) retoma a hipótese do assassinato do pai primordial, em que buscava explicar a instauração da cultura por meio da proibição do incesto e seus efeitos inconscientes. Assim, concordamos com Maria das Graças Leite Villela quando concebe “o laço social como determinado pela identificação recíproca dos irmãos, a partir da idealização do pai” (2009, p. 86).

Por isso, partindo das teses de Gustave Le Bon e de outros estudiosos como Trotter, Freud (1921/2020) avança por considerar que o homem é um animal de horda. Não obstante, essa horda precisa de um líder para fomentar os efeitos de sugestão e de contágio nos membros do grupo. Veremos que “é porque todos amam, idealizam e identificam-se com o líder, e porque todos desejam ser amados por ele, que se identificam uns com os outros, constituindo um grupo” (DIAS, 2014, p.27).

Portanto, Freud (1921/2020) encontra uma via de argumentação que considera o inconsciente recalcado em detrimento da explicação do campo da psicologia das multidões. Para isso, o autor também mobilizará um conceito presente nos estudos sobre as psiconeuroses, a libido:

Libido é uma expressão que provém da doutrina da afetividade. Chamamos assim a energia considerada como grandeza quantitativa – mesmo que por ora não seja mensurável- dessas pulsões que têm a ver com tudo aquilo que podemos abranger na ordem do amor (p.162).

Em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), a partir do questionamento sobre como o grupo se forma e sua capacidade de exercer influência sobre o indivíduo, Freud encontra na pulsão de vida, pela via do amor, a formação dos laços sociais. O amor não é lido por Freud como um amor comum sensual, mas é tomado pelo afeto cuja meta sexual é afastada, como nas relações com os irmãos, pais, filhos e até mesmo investimento em objetos ou ideias. O método freudiano consiste em remeter os vínculos no interior do grupo ao conceito de Eros, de Platão. Vejamos:

Nossa justificativa reside no fato de que a investigação psicanalítica nos ensinou que todos esses anseios são a expressão das mesmas moções pulsionais que, entre os sexos, impelem à união sexual; em outras circunstâncias, são na verdade afastadas dessa meta sexual ou detidas de alcançá-la, conservando sempre, no entanto, o suficiente de sua essência originária, para manter sua identidade reconhecível (sacrifício de si, anseio por aproximação). (FREUD, 1921/2020, p.162).

O autor analisa que as relações amorosas, os laços emocionais, constituem a essência das massas. Ou seja, o tamanho do passo dado por Freud, em detrimento aos teóricos das massas, pode ser compreendido por ele empreender que a constituição das massas são relações libidinais amorosas. A partir da introdução do conceito de libido, o psicanalista demonstra que quando o indivíduo na massa desiste de sua singularidade para tornar-se um com o grupo, ele o faz porque há nele uma necessidade de estar de acordo, “por amor a eles”

(FREUD, 1921/2020, p.164). Em sua tentativa de compreender quais forças psicológicas resultam na transformação de indivíduos em massa, Freud (1921) insiste que são as ligações de libido que a caracterizam. Ou seja, um vínculo, uma ligação se constitui por algo comum que reúne os indivíduos e este vínculo é de natureza libidinal.

Deste modo, são as contribuições das pulsões amorosas e de ternuras inibidas quanto à meta que Freud busca privilegiar nos estudos que circunscrevem o campo da psicologia das massas. Freud descreve essas pulsões amorosas inibidas quanto a meta como os mais remotos anseios “sensuais” que permanecem conservados no inconsciente de maneira mais ou menos intensas. Se essas pulsões inibidas em sua meta de satisfação são privilegiadas nos estudos que circunscrevem o campo da psicologia das massas, é porque a massa elege um objeto externo na tentativa de satisfazer essas pulsões.

Por isso, Freud não se interessa pelas massas revolucionárias, conforme Le Bon o fez. O psicanalista toma o Exército e a Igreja, uma vez que, estas instituições modelares que expõem o amor ao líder. Freud irá privilegiar as relações de autoridade nesses grupos. Em ambos prevalece a ilusão de Cristo, ou do General, como seus respectivos líderes. No caso da Igreja, Cristo aparece como um chefe supremo que ama com o mesmo amor todos os indivíduos da massa. Segundo Freud, todos partilham do amor de Cristo e justamente essa ligação a Cristo corresponderia à origem do amor entre os crentes. O amor compartilhado permite que os irmãos se amem, laço que mantém a comunidade dos fiéis por via da identificação a Cristo. Em ambos o amor é distribuído homogeneamente. Ao analisar essas duas massas artificiais, Freud considera que “elas são dominadas por dois tipos de ligação afetiva, dos quais uma, a ligação ao líder, parece – pelo menos para ela – ser mais determinante que a outra, a dos indivíduos da massa entre si” (FREUD, 1921/2020, p.172). Portanto, há aí dois laços que atravessam a massa: um que se endereça ao líder, outro dos membros entre si. A tese freudiana consiste em argumentar que tais laços verticais devem necessariamente existir, uma vez que Cristo e o general apresentam-se como princípio agrupador na Igreja e no Exército.

À vista disso, consideramos que a compreensão da natureza do líder (ou de uma ideia) é insuficiente pela via de conceitos como prestígio, carisma ou sugestão. A teoria freudiana torna-se eminentemente crítica a uma psicologia social ao insistir serem as relações de libido que caracterizam uma massa, e por privilegiar o lugar das identificações verticais como predominante para coesão grupal.

2.2 Teoria da libido e introdução à questão da identificação

Ao se posicionar sobre a constituição da massa, na medida em que Freud (1921/2020) questiona a falibilidade da explicação dos fenômenos das massas pela via da sugestão, o psicanalista propõe uma “análise do eu”, desenvolvendo três mecanismos psíquicos que aparecem na relação entre o eu e o objeto, a saber: enamoramento, hipnose e identificação.

Em relação aos mecanismos psíquicos empregados em sua análise, podemos acompanhar um desses mecanismos no capítulo VIII, *Enamoramento e hipnose*, onde Freud (1921) demonstra modos de amar um objeto. No enamoramento, o objeto estimado é destacado em relação a outros que não são alvos das mesmas pulsões amorosas, isso é o que chamamos de amor comum sensual. Sobre este ponto, vale lembrar que desde seus escritos sobre a teoria do narcisismo, Freud (1914/2010) apresenta-nos o enamoramento como “um abandono da própria personalidade em favor do investimento de objeto” (p. 17). No que se refere a essa relação entre o eu e o objeto, Freud (1921/2020) destaca a supervalorização sexual, ao ponto do objeto amado desfrutar de certa liberdade em relação à crítica, sendo mais valorizado para o sujeito do que pessoas que não são alvo dessas pulsões amorosas, inclusive mais valorizado que o próprio Eu – nessa supervalorização o objeto consumiu o Eu, por assim dizer.

Para Freud (1921/2020), no enamoramento: “a tendência que aqui falseia o juízo é a idealização (...) nós reconhecemos que o objeto é tratado como o próprio Eu, que, portanto, no enamoramento, uma medida maior de libido narcísica transborda para o objeto” (p.187). Compreendemos que a idealização reveste o enamoramento com a superestima do objeto, por isso, este é tratado como certo valor para o Eu, que passa a buscar no objeto os ideais que não alcançou.

Freud (1921/2020) também aborda a identificação e, de início, encontramos uma distinção entre identificação e enamoramento: “no primeiro caso, o Eu enriqueceu-se com as propriedades do objeto, 'introjetou' o objeto (...), no segundo caso, ele se empobreceu, abandonou-se ao objeto” (FREUD, 1921/2020, p.189). A seguir, em um primeiro momento, a distinção entre identificação e enamoramento torna-se mais compreensível naquilo que Freud destaca como fascinação e servidão apaixonada. Na identificação, trata-se de uma introjeção onde o Eu se enriquece com as características do objeto, enquanto “no enamoramento, ele se empobreceu, abandonou-se ao objeto, colocou-o no lugar de sua parte constitutiva mais importante” (FREUD, 1921/2020, p. 189).

Mais adiante, Freud continua a distinção entre o enamoramento e a identificação, uma vez que “no caso da identificação, o objeto foi perdido ou abandonado; ele é então reestabelecido no Eu; o Eu se modifica parcialmente, a partir do modelo do objeto perdido” (FREUD, 1921/2020, p.188). Outrossim, no enamoramento, o sujeito fica empobrecido em relação ao investimento libidinal que é dirigido para o objeto amado. Já na identificação o sujeito vê as características do objeto em si, fazendo com que ocorra uma superestimação do seu Eu através da identificação com o objeto.

Entretanto, a diferença entre enamoramento e identificação se dilui ao longo do capítulo, em que o próprio Freud observa que “ao considerarmos as coisas mais de perto, logo percebemos que uma apresentação como essa nos faz crer em oposições que não existem” (FREUD, 1921/2020, p.189). Até então, Freud considerava a identificação em relação com o objeto perdido ou abandonado, sendo que esse objeto reestabelecido no Eu do sujeito modifica-o conforme o modelo do objeto que fora perdido. No caso do enamoramento, o objeto permaneceu conservado e é superinvestido enquanto tal. Todavia, contra isso também surgem objeções: “então está certo que a identificação pressupõe o abandono do investimento no objeto, não pode haver identificação se o objeto for mantido?” (FREUD, 1921/2020, p.189).

Essa relação do Eu com o objeto foi trabalhada em *Luto e melancolia* (1917 [1915] /2010). Neste texto, Freud define a identificação da seguinte forma:

(...) a identificação é o estágio preliminar da escolha de objeto, e o primeiro modo, ambivalente em sua expressão, como o Eu destaca um objeto. Ele gostaria de incorporar esse objeto, e isso, conforme a fase oral ou canibal do desenvolvimento da libido, por meio da devoração (Freud, 1917 [1915] /2010, p.182).

Freud insiste nas identificações como processos de incorporação para a formação do Eu, na tentativa de compreender como “uma libido narcísica transborda sobre o objeto” (FREUD, 1921/2020, p.187); e como esse objeto perdido ou abandonado “é então reestabelecido no Eu” (FREUD, 1921/2020, p.189), o que caracteriza o modo de constituição da identificação por meio da incorporação do objeto. Observamos, portanto, que a identificação é anterior às relações amorosas, o que a diferencia de um estado de enamoramento, uma vez que ela independe de qualquer sentimento afetivo. Mais adiante, veremos que no processo de identificação basta que o sujeito reconheça um traço em comum com o objeto, o que permitirá o psicanalista instaurar a identificação em um momento anterior a escolha objetal.

Portanto, identificar-se é assumir uma forma exterior que passa a constituir o Eu, através de um traço, enquanto no enamoramento haveria uma idealização do objeto amado. Por isso, a afirmação de Freud de que na vida psíquica do indivíduo, o outro é, via de regra, considerado como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário (FREUD, 1921/2020, p.137). Ou seja, trata-se da reconstituição desses vários “outros” no próprio Eu.

Na esteira do enamoramento e da identificação, é na hipnose que Freud também busca compreender o grupo, uma vez que na hipnose comparece a mesma docilidade frente ao objeto idealizado. A mesma humilde submissão e ausência de críticas comparecem na relação entre hipnotizado e hipnotizador, em outros termos, entre a massa e o líder.

Segundo Freud (1921), sem dúvida o hipnotizador entrou no lugar do Ideal do Eu para o sujeito, o que o levou a dizer que “a relação hipnótica seria – se essa expressão for permitida – uma formação de massa a dois” (FREUD, 1921/2020, p.190). É um exemplo próximo ao enamoramento, mas a diferença consiste no fato de que na hipnose a satisfação sexual direta não está colocada. No texto *Introdução ao Narcisismo* (1914), pode-se dizer que o que impele o indivíduo a erigir um Ideal do Eu é não estar disposto a abrir mão de uma satisfação outrora disfrutada, não querer renunciar à perfeição narcísica de sua infância. Então, o indivíduo busca recuperar essa perfeição sob a forma de um eu ideal. No entanto, para haver o desenvolvimento do eu é necessário um afastamento desse narcisismo primário e, na tentativa de manter a satisfação narcísica da infância, ocorre a tentativa de recuperação desse estado sob a forma de um ideal: o Ideal do Eu. Esse “herdeiro do narcisismo primário”, substituto do Eu Ideal para a massa psicológica, reestabelece, desse modo, a autossatisfação do narcisismo da primeira infância. O líder passa a ocupar o lugar do Ideal do Eu. Nesse sentido, a relação do líder com a massa parece remontar aos primórdios da constituição subjetiva. Assim, consideramos que é peculiar nas massas não o novo, mas o antigo, ou seja, a massa estrutura-se através de identificações e pulsões inconscientes recalçadas.

Dessa forma, eleger o objeto idealizado significa satisfazer o narcisismo do sujeito, uma vez que o objeto é amado por causa daquilo que o sujeito almeja para o próprio Eu e que gostaria de obter para a satisfação do seu narcisismo. Nessa via, a partir da leitura freudiana é possível dizer que o sujeito faz desse outro um *ideal do Eu*, aquilo que deveria ter sido, mas não foi. Também nas massas, ocorre um empobrecimento do eu em favor do objeto, tal como “na cegueira amorosa nos tornamos criminosos sem remorso. A situação inteira se deixa

resumir, sem resíduos, em uma fórmula: o objeto colocou-se no lugar de ideal do Eu” (FREUD, 1921/2020, p.188).

2.2.1. As instâncias ideais nas massas: ideal do Eu e Eu ideal

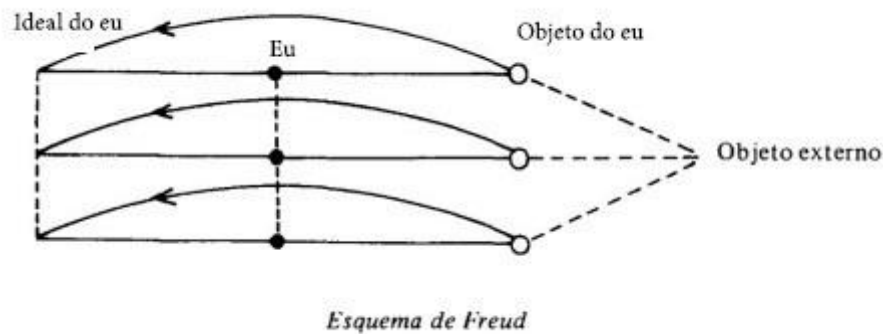
Freud (1921/2020) faz uma leitura a respeito da função dos ideais no assentimento do sujeito às exigências impostas pela massa. Acompanharemos a construção desse ideal na estrutura do sujeito se reproduzir nos movimentos sociais. A análise que Freud (1921/2020) estabelece entre o Eu e suas formas de ligação com o objeto permite estabelecer sua fórmula da constituição libidinal da massa psicológica; assim ele a define: “uma massa primária como essa é uma quantidade de indivíduos que colocaram um e o mesmo objeto no lugar de seu Ideal do Eu e, em consequência disso, identificaram-se uns com os outros em seu Eu” (p.192).

Vale lembrar que em seu ensaio sobre a teoria do narcisismo o psicanalista já mostrava a relevância do Ideal do Eu para o entendimento da psicologia das massas, ao considerar que o Ideal do Eu:

Além do seu lado individual, ele tem o social, é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação. Liga não apenas a libido narcísica, mas também um montante considerável de libido homossexual de uma pessoa, que por essa via retorna ao Eu (FREUD, 1914/2010, p.50).

Na massa freudiana, cada indivíduo deve renunciar ao seu Ideal do Eu e substituí-lo pelo Ideal do Eu do grupo. Isso representaria a estrutura libidinal que concerne à massa psicológica. Desse modo, Freud (1921/2020) esquematiza graficamente o mecanismo da identificação presente no grupo, demonstrando como um objeto externo é introjetado no Eu e passa a compor a subjetividade dos indivíduos. O psicanalista traça uma linha curva marcando a relação entre o objeto introjetado pelo Eu e o Ideal de Eu, na medida em que este ideal se apodera do objeto enquanto representação identificatória:

Figura 1 – A estrutura libidinal da massa psicológica.



Fonte: *Psicologia das massas e análise do Eu*, Freud (1921).

Freud (1914/2010) demonstra como esse Ideal do Eu aparece como uma instância separada do Eu (*Ich*) e tem a capacidade de entrar em conflito com ele. O ideal do Eu surge como forma de mostrar para o Eu que ele está aquém dos seus ideais:

Como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo o juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu (FREUD, 1914/2010, p.40).

Freud admite que o ideal do Eu tem suas funções relacionadas a auto-observação, a consciência moral e à censura onírica, uma vez que “para o Eu, a formação do ideal seria a condição para o recalque” (FREUD, 1914/2010, p.40). Com esses aportes freudianos, passamos a saber que esse ideal do Eu é uma função que elege, entre os valores morais, aqueles que constituem um ideal ao qual o sujeito aspira ou deveria aspirar. Por isso, para Freud (1921/2020), é justamente nesse lugar do Ideal do Eu que o sujeito pode instalar o objeto de sua fascinação amorosa, bem como o líder que fora transformado no ideal. Além disso, como dito anteriormente, uma massa encontra seu êxito não apenas quando coloca um líder no lugar do ideal do Eu, mas é preciso que cada Eu se identifique com os outros, ao nível de um Eu-ideal, justamente “essa conjunção constitui a fascinação pelo hipnotizador e a da massa pelo líder (HOFFMANN, 2018, p.13).

Em *Psicologia das massas e análise do Eu*, Freud conclui que, pela identificação ao Ideal do Eu, torna-se possível a formação do grupo uma vez que “o indivíduo abandona seu Ideal do Eu e o troca pelo ideal da massa incorporado pelo líder” (FREUD, 1921/2020, p.207). Este líder, portanto, “só precisa possuir características típicas desses indivíduos, destacadas de maneira particularmente nítida e pura” (p.208). Por isso, Freud (1921/2020) considera que o

esclarecimento sobre a estrutura libidinal na massa nos conduz a distinção entre o Eu e o Ideal do Eu.

Tendo isso em vista, retornaremos ao grafo de *Psicologia das massas e análise do Eu* para melhor situar o que está em jogo na escolha objetal em seu grafo. Vimos que Freud (1921/2020) chega à sua fórmula e sua proposição gráfica onde diz: “Uma massa primária como essa é uma quantidade de indivíduos que colocaram um e o mesmo objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência disso, identificaram-se uns com os outros em seu Eu” (Freud, 1921/2020, p.192). Voltemos à pergunta que antecede ao grafo:

Então está certo que a identificação pressupõe o abandono do investimento do objeto, não pode haver identificação se o objeto for mantido? E antes que nos engajemos na discursão dessa questão delicada, já pode estar se clareando em nós a visão de que outra alternativa contém em si a essência desse estado de coisas, a saber, *se o objeto é colocado no lugar do Eu ou do Ideal do Eu*” (Freud, 1921/2020, p.189).

Acreditamos que uma análise sobre o tipo de escolha objetal pode nos auxiliar a avançarmos na questão colocada por Freud (1921/2020). Ressaltamos uma importante consideração que nos parece fundamental: “a separação do Eu e do Ideal do Eu em muitos indivíduos não avançou muito, ambos ainda coincidem facilmente” (FREUD, 1921/2020, p.207). Diante disso, a separação entre o Eu e o ideal do Eu também está diretamente ligada a formação libidinal das massas, por isso, a pergunta a respeito do objeto ser colocado no lugar do Eu ou do ideal do Eu parece ter nuances que pretendemos desvelar na própria noção de escolha de objeto.

2.2.2. O narcisismo e o tipo de escolha de objeto

O termo *narcisismo* surge no século XIX. Em um primeiro momento, Freud (1914/2010) atribuiu sua origem a Paul Näcke; já em 1920, na ocasião de uma nova edição dos *Três ensaios de uma teoria sexual*, o psicanalista acrescenta uma nota onde atribui a descrição do termo a Havelock Ellis. Sabemos que ambos eram médicos e utilizaram o termo para referir-se a alguém que trata o próprio corpo como um objeto sexual. Até então, o narcisismo era considerado uma perversão que assumiria a totalidade da vida sexual, contudo, Freud (1914/2010, p.14) indica logo na introdução de seu ensaio que “uma alocação da libido que denominamos narcisismo poderia apresentar-se de modo bem mais intenso e reivindicar um

lugar no desenvolvimento sexual regular do ser humano”. Ao estender o uso do termo ao desenvolvimento sexual do ser humano o psicanalista argumenta que o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do instinto de autoconservação, o que lhe permite fazer uma leitura da teoria da libido a partir de tal fenômeno. Diante disso, foi com os primeiros estudos sobre as neuroses de transferência que ele evidenciou uma oposição entre pulsão sexual (voltada para o objeto) e pulsões do eu (pulsão de autoconservação).

Há a ideia de um original investimento libidinal do Eu e que tal investimento libidinal é cedido aos objetos. Segundo Freud (1914/2010), o investimento libidinal do Eu persiste fundamentalmente “relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam” (p.17). Freud (1914/2010) aborda o fato que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo da vida do indivíduo, ao mesmo tempo em que o psicanalista não descarta que há instintos autoeróticos primordiais. O que surge agora é o fato que algo deve ser acrescentado ao autoerotismo, por isso, Freud propõe o narcisismo primário como uma “nova ação psíquica” que é adicionada ao estado de autoerotismo infantil, de onde irá derivar posteriormente os investimentos libidinais nos objetos.

A introdução do conceito de narcisismo em 1914 interrogará o dualismo entre as pulsões sexuais, que se dirigiam para o objeto, e as pulsões do Eu (autoconservação), que estariam a serviço do Eu e representariam as exigências do princípio de realidade. Na medida em que no narcisismo o próprio Eu torna-se objeto de investimento libidinal, tal investimento poderá ser pensado como anterior ao deslocamento da libido para objetos exteriores, ou seja, para o investimento do amor objetal, fazendo do Eu também um objeto sexual.

Freud (1914/2010) nos diz que o narcisismo primário é reforçado pelo amor dos pais que projetam nos filhos toda perfeição narcísica que eles tiveram que renunciar diante da realidade externa, portanto, haveria uma atualização direta do narcisismo dos pais na constituição psíquica do sujeito. Mas no que refere-se a transferência do narcisismo primário para os objetos do mundo externo, ele ressalta:

Os instintos sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independente deles; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui (Freud, 1914/2010, p.32).

Esse ponto faz uma inflexão importante na teoria freudiana, já que o dualismo entre pulsão sexual e pulsão do Eu começa a ser interrogado. Em 1914, Freud evidenciou que, ao

menos parte das pulsões do Eu, também são de natureza libidinal. Assim, a oposição entre pulsão do Eu e pulsão sexual torna-se obscura. Com o narcisismo primário, Freud (1914/2010) concebe que a energia psíquica do Eu e dos objetos é indiferenciada. Segundo ele, o que atrapalharia o narcisismo original é a castração, apontando dois destinos para a libido original: investimentos em objetos externos e investimento em uma diferenciação no próprio Eu. Segundo Ana Carolina Dias Silva (2021), a constituição das massas traz uma implicação para ambas as vicissitudes da libido.

O primeiro destino da libido em direção aos objetos externos é conhecido como anaclítico, ou de ligação; o segundo, é do tipo narcisista. No tipo anaclítico, pode-se observar que as primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas em conexão com funções vitais de autoconservação, pois os instintos sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornando-se independente deles. Em relação ao segundo destino da libido, Freud (1914/2010) refere-se a pessoas que “buscaram a si mesmas como objeto amoroso” (p. 32). Nota-se que nessa escolha objetal narcisista “é como se os invejássemos pela conservação de um estado psíquico bem-aventurado, uma posição libidinal inatacável que, desde então, nós mesmos abandonamos” (FREUD, 1914/2010 p. 34).

Retomamos aqui um breve caminho para escolha de objeto. Segundo Freud (1914/2010), uma pessoa ama:

- 1) Conforme o tipo narcísico:
 - a) o que ela mesma é (a si mesma),
 - b) o que ela mesma foi,
 - c) o que ela mesma gostaria de ser,
 - d) a pessoa que foi parte dela mesma.
- 2) Conforme o tipo “de apoio”:
 - a) a mulher nutriz,
 - b) o homem protetor (Freud, 1914/2010, p.36).

Após mostrar os caminhos para a escolha de objeto, Freud pergunta-se o que acontece com a libido do Eu: “devemos supor que todo seu montante passou para investimentos de objeto?” (p.39). Parte dos impulsos instituais da libido sofrem o destino da repressão patogênica ao entrarem em conflito com as ideias morais e culturais. No entanto, enquanto não abrimos mão da satisfação experimentada pelo eu-real, deriva-se uma instância no intuito de conservar todo valor de perfeição outrora experimentado, tornando-se alvo do amor do próprio Eu: “a esse Eu-ideal dirige-se então o amor a si mesmo” (p. 40). Como dito, aqui o sujeito mostra-se incapaz de renunciar à satisfação desfrutada, há uma recusa em furtar-se a perfeição narcísica do

momento infantil e, na impossibilidade mantê-la, “procura readquiri-la na forma nova do ideal do eu” (p. 40). Segundo Ana Carolina Dias Silva (2021), Freud articula uma forte influência do exterior e o caráter compensatório no que diz respeito à transferência do narcisismo primário.

Reconhecemos nessa instância derivada do Eu a busca por satisfazer a realização desse ideal, ou seja, “ser novamente o próprio ideal, também no tocante às tendências sexuais, tal como na infância” (p.48). Mas Freud (1914/2010) assegura que a formação do ideal aumenta as exigências do Eu, daí decorreria uma “instância psíquica especial” com a tarefa de assegurar sua satisfação narcísica do ideal do Eu, o que sugere uma aproximação entre as duas vicissitudes da libido do Eu:

O ideal sexual pode se colocar num interessante vínculo auxiliar com ideal do Eu. Onde a satisfação narcísica depara com obstáculos reais, o ideal sexual pode ser usado para a satisfação substitutiva. Então a pessoa ama, em conformidade com o tipo de escolha narcísica de objeto, aquilo que já foi e que perdeu, ou o que possui os méritos que jamais teve. A fórmula paralela à de cima é: aquilo que possui o mérito que falta ao Eu para torna-lo ideal é amado. Esse expediente tem particular importância para o neurótico, que devido a seus investimentos de objeto excessivos está empobrecido o Eu e incapaz de cumprir seu ideal do Eu. Busca então o caminho de volta ao narcisismo, após o seu esbanjamento de libido nos objetos, escolhendo um ideal sexual conforme o tipo narcísico, que os méritos para ele inatingíveis (Freud, 1914/2010, p.49).

Ao voltarmos ao grafo de *Psicologia das massas e análise do Eu* observamos ser esse tipo de escolha objetal que se encontra presente na formação libidinal das massas, onde o líder (objeto idealizado) é tratado como se fosse o próprio Eu, na medida que uma libido narcísica transborda sobre o objeto. Sobre essa forma de escolha amorosa:

Salta até mesmo à vista que o objeto sirva para substituir um ideal do Eu próprio, mas não alcançável. Ele é amado por causa das perfeições que se almeja para o próprio Eu e as quais agora gostaria de obter, por desvio, para a satisfação de seu narcisismo (FREUD, 1921/2020, p.187-188).

Depreendemos que esse tipo de escolha objetal busca recompensar uma parte perdida de si mesmo e que a coesão da massa estabelece-se por processos identificatórios e narcísicos que envolvem o “Eu” na busca por seus ideais. O líder da massa, muitas vezes, só precisa possuir características típicas desses sujeitos, destacadas de maneira nítida, dado que a estrutura libidinal de uma massa recai na “identificação e colocação do objeto no lugar do ideal do Eu” (FREUD, 1921/2020, p.208). Este estado de fascinação se dá porque na figura do líder passa a ser projetada a imagem idealizada que cada sujeito possui de si. Assim, o líder é idealizado, por exemplo, por deter uma perfeição que cada sujeito se esforça para conseguir para si ou por não

se dizer submetido às mesmas restrições que os outros. Estaria em jogo um inequívoco traço narcísico, cuja busca consiste em idealizar o outro a partir de uma marca inscrita em nós mesmos. Nesse caso de supervalorização do objeto “ele é amado por causa das perfeições que se almeja para o próprio Eu e as quais se gostaria de obter, por esse desvio, para a satisfação de seu narcisismo” (Freud, 1921/2020, p.188). Este ponto nos coloca em questão o tipo de escolha objetual abordada por Freud: b) o que ela mesma foi; c) o que ela mesma gostaria de ser; d) a pessoa que foi parte dela mesma. Nesses casos o objeto foi colocado no lugar do ideal do Eu, como bem demonstrou Freud.

No entanto, concordamos com Ana Carolina Dias Silva (2021), que “o tipo (a) de escolha amorosa, conforme o que o Eu é, nos parece estar mais ligado ao Eu ideal” (p. 146). Portanto, parece que a escolha conforme o tipo narcísico – onde se ama o que o próprio Eu é – sugere que o objeto seja colocado no lugar do Eu ideal. Como bem disse Freud o que se “projeta diante de si mesmo como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal” (1914, p. 40). Se retomarmos a pergunta “*se o objeto é colocado no lugar do Eu ou do ideal do eu*”, ao analisar os caminhos para escolha de objeto, precisamos considerar a instância do Eu ideal, visto que “o sujeito articula sua escolha objetual ao destino da libido do Eu a partir de seu Eu ideal” (DIAS, 2021, p.147). Nesse sentido, o que enfatizamos sobre o grafo de *Psicologia das massas e análise do Eu* é a consideração de que o objeto também pode recair no lugar do Eu ideal, “situação que a distância entre o Eu e o ideal do eu é menor” (DIAS, 2021, p.147).

Isso nos permite dizer que, na tentativa de alcançar todo estado de perfeição já experimentado, a massa adquire seu caráter conservador justamente por querer retomar um estado anterior de satisfação. Analisando o estado de “miséria psicológica das massas”, podemos observar “a dimensão traumática da experiência de desamparo, e a conseqüente identificação narcísica à qual recorre as subjetividades fragilizadas em busca de proteção” (KUPERMAN, 2017, p. 53). Por isso, as massas submetidas aos seus ideais buscam um estado de “autocomplacência narcísica anterior”.

2.5 Considerações finais

Em seu texto *Psicologia das massas e análise do Eu*, Freud (1921/2020) realça a existência de uma “alma coletiva” na massa psicológica, que se refere à homogeneidade no campo dos sentimentos, pensamentos e ações – algo que não ocorreria se os indivíduos estivessem sós. Isto nos levou para uma questão central a respeito da formação das massas, “o heterogêneo mergulha no homogêneo” (FREUD, 1921/2020, p. 142) e “o fundamento inconsciente, semelhante a todos, é descoberto (torna-se operante)” (FREUD, 1921/2020, p. 142). Segundo o autor, estaríamos diante de um fenômeno onde ocorreria uma supressão das repressões, o que explicaria a intensificação afetiva sentida por aqueles que fazem parte da massa.

Freud destaca da obra de Le Bon o contágio mental, que diz respeito ao fato de que na massa todo sentimento torna-se contagioso, e se sobrepõe aos interesses de cada indivíduo. Junto a isso, encontramos o fenômeno da sugestão, em que o psicanalista utiliza-se da figura do hipnotizado-hipnotizador como analogia para descrever que o indivíduo é levado a agir de determinada maneira seguindo as sugestões dadas por outro. Nessa acepção, Freud (1921/2020) ressalta a importância da figura do líder na massa, uma vez que o psicanalista compreendeu o aspecto de submissão das massas frente a um objeto idealizado. Mas não é só isso, segundo o autor, um líder deve crer, ele mesmo, nas ideias fanáticas que ele propõe. Assim, Freud (1921/2020) demonstrou que as massas podem atender aos comandos mais cruéis e hostis, a partir da devoção a algum ideal.

Ao tratar dos três mecanismos psíquicos que aparecem na relação entre o Eu e o objeto, a saber: enamoramento, hipnose e identificação, Freud “deposita a essência do grupo no vínculo inibido em sua finalidade, responsável pelos laços permanentes e duradouros entre as pessoas” (DIAS, 2009, p. 86). Freud (1921/2020) busca esclarecer os laços que unem os membros do grupo recorrendo à identificação. Segundo ele, o laço existente nas massas é uma identificação, que reside na natureza do laço com o líder. A partir desses elementos ele anuncia sua fórmula sobre a estrutura libidinal das massas: “uma massa primária como essa é uma quantidade de indivíduos que colocaram um e o mesmo objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência disso, identificaram-se uns com os outros em seu Eu” (FREUD, 1921/2020, p. 192). Essa situação também é descrita no mito do pai primevo, em que os irmãos se identificaram uns com os outros a partir da idealização do pai.

Na estrutura libidinal das massas psicológicas, o lugar do Ideal do Eu ocupado pelo líder, até então, seria a condição *sine qua non* para formação das massas. Entretanto, é preciso dar atenção a consideração de Freud (1921/2020) de que a separação entre o Eu e o Ideal do Eu em muitos indivíduos não avançou muito. Em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2010) utiliza os termos “eu ideal” e “ideal do eu”, ainda que sem esclarecer uma diferença conceitual apurada sobre eles.

Baseado no *Vocabulário da Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1982/1992), foi construído um levantamento dos textos que abordavam o Ideal do Eu na obra de Freud. No verbete Ideal do Eu é apontada a dificuldade de delimitar um sentido unívoco dessa expressão na obra de Freud. Segundo os autores, essa dificuldade provém do fato deste conceito estar ligado ao desenvolvimento do superego na obra de freudiana. No entanto, os autores sublinham que “o superego corresponde à autoridade e o ideal do ego à forma como o sujeito deve comportar-se para corresponder à expectativa da autoridade” (Laplanche & Pontalis, 1982/1992, p. 223). Já no que diz respeito ao Eu ideal, Laplanche e Pontalis (1982/1992, p. 139) o definem como “um ideal narcísico de onipotência forjado na infância a partir do modelo do narcisismo infantil”.

Em 1921, Freud demonstra como as instâncias *Eu-ideal* e *Ideal do Eu* são parte fundamental para a formação da massa psicológica, ressaltando que nessas instâncias ideais que o sujeito construiu diante de si é para onde ele dirige o amor antes desfrutado pelo eu infantil. Diante da incapacidade de renunciar a essa satisfação antes experimentada, o ser humano tenta resgatá-la pela via da construção do ideal que representa o substituto do narcisismo perdido de sua infância. Esse Ideal de Eu se funda como possibilidade de satisfação narcísicas das massas, realizada a partir de ideais externos. Por conseguinte, é justamente nesse lugar do Ideal do Eu que a massa pode instalar o objeto de sua fascinação amorosa.

No entanto, ao considerarmos o tipo de escolha amorosa onde se ama “*o que ela mesma é (a si mesma)*” como fundamental para a formação das massas, tivemos a possibilidade de admitir o papel do Eu ideal na formação das massas. Em ambos os casos, esse objeto de amor parece se colocar acima do sujeito, estando pouco explicado como se estabeleceria o vínculo entre os membros da massa. Assim, acreditamos que a preciosa descoberta das “três fontes” da identificação nos ajudará a delimitar melhor o que encontra-se em jogo nas relações verticais e horizontais presentes nas massas.

A leitura do texto de Freud (1921) nos permite conceber que a identificação, o Ideal de Eu e o Eu-ideal não se restringem a nuances da constituição psíquica dos sujeitos, mas esses conceitos psicanalíticos permitem, também, lançar luz sobre o modo de constituição do laço social. Continuemos, então, nosso percurso pelo texto freudiano.

3. AS IDENTIFICAÇÕES

“Não há, em toda teoria psicanalítica, domínio mais confuso, mais exasperante para o leitor do que o da teoria da identificação” (TAILLANDIER, 1987, p.17).

“As três identificações não formam provavelmente uma classe. Se elas podem, todavia, levar o mesmo nome que aí traz uma sombra de conceito; cabe-nos também, sem dúvida, dar conta disso. Se operarmos com exatidão, isso não parecerá uma tarefa acima das nossas forças” (Lacan, lição de 13/12/1961 – inédito).

Freud considera que “a identificação é conhecida pela Psicanálise como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva com uma outra pessoa” (FREUD, 1921/2020, p.178). Em seu ensaio de 1921, ao se voltar para esse processo de identificação, o autor considera, primeiramente, que diz respeito à instância que ele designou como Eu. Um eu que estabelece uma “ligação afetiva” com o outro, tal como nas massas, em que não há relação vertical à autoridade e horizontal que não seja constituída a partir da dinâmica das relações amorosas, com sua produção de objeto de amor e suas modalidades de identificação (SAFATLE, 2019).

Com efeito, autores que se debruçaram sobre o conceito de identificação destacam diferentes aspectos deste conceito, cada um enfatizando certo momento da constituição subjetiva: “não se trata de uma operação psíquica entre outras, mas de algo fundante, originário” (ROITMAN, 1987, p.10); “o essencial do trabalho de Freud consistiu, depois, em referir a noção de identificação ao desenvolvimento do inconsciente” (MICHAUD, 1987, p.33); ou ainda, “entendemos então por identificação o movimento pelo qual o sujeito advém à medida que constitui uma unidade com o outro, idêntico a ele” (OURY, 1987, p.49).

Segundo Laplanche e Pontalis (1992, p. 226), a identificação é o processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações. Por isso, buscaremos entender como este conceito designa, sobretudo, o processo pelo qual o sujeito se constitui e se transforma através da assimilação de traços de alguns aspectos daqueles que o cercam, considerando que “a identificação é parcial e altamente limitada, tomando emprestando apenas um traço único (*nur einen einzigen Zug*)” (FREUD, 1921/2020, p.180).

À vista disso, entendemos a identificação como a engrenagem tanto na formação do grupo quanto na constituição do Eu. Veremos que há uma operação psíquica fundamental e originária na constituição desses dois polos, tanto é que Freud atribuiu às identificações um papel na formação das massas psicológicas e na análise do Eu.

Pois bem, após se deter na caracterização da massa, outro problema com o qual nos deparamos neste ensaio de 1921, no capítulo dedicado à questão das identificações, é que são apresentados de modo sistemático três formas de identificação. Freud mesmo resume:

Em primeiro lugar, que a identificação é a forma mais originária de ligação afetiva com um objeto; em segundo, que, por via regressiva, ela se torna o substituto de uma ligação libidinal de objeto, mediante a introjeção, por assim dizer, do objeto no Eu; e terceiro, que ela pode surgir a cada vez que é percebido um novo elemento em comum com uma pessoa que não é objeto das pulsões sexuais (FREUD, 1921/2020, p.181).

O termo identificação, ao longo da obra de Freud, recebe diversos complementos: primária, histórica, regressiva, melancólica, secundária. Consideramos que o conceito de identificação persiste em aberto, por isso, pretendemos fazer uma releitura das três fontes de identificação em *Psicologia das massas e análise do eu* a partir de algumas pistas deixadas por Michaud:

Na interpretação dos sonhos (1900), Freud define a identificação histórica em relação à ideia de um desejo de desejo insatisfeito, como testemunha o sonho da Bela Açougueira; (...) em Totem e Tabu (1912-1913), Freud aborda a identificação como princípio do agrupamento comunitário, mediante a noção de identificação com o chefe. Em seu estudo sobre Introdução do narcisismo, de 1914, ele analisa a dialética entre a escolha narcísica de objeto e a identificação. A noção de identificação por incorporação oral aparece desde a Metapsicologia (1915), texto que a atitude crítica do eu com relação ao eu identificado com o objeto de amor incorporado permite compreender a noção de agressão contra esse objeto e, mais geralmente, contra o sujeito. É só com a elaboração da “segunda tópica” (em O eu e o isso, 1923) que Freud propõe a noção de identificação primária, ou seja, da identificação com o pai. A explicação freudiana é de que, no nível da fase oral primitiva, o investimento de objeto e a identificação não se distinguem um do outro (MICHAUD, 1987, p.33).

Ressaltamos que, na linha de Freud, as identificações são consideradas constitutivas do sujeito humano e lançam o sujeito na cultura. No entanto, quais são os conceitos fundamentais que nos permitem pensar as identificações? Como se produzem as identificações? Quais são seus operadores lógicos? Mostraremos que as identificações referem-se à identificação com o objeto perdido, à identificação histórica, à identificação ao desejo/sintoma

do Outro, à identificação ao pai, dentre outras. Porém, na tentativa de se ater às três formas da identificação circunscritas no capítulo VII de *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), tomaremos como principais referências os seguintes textos: *Introdução ao narcisismo* (1914), *Totem e Tabu* (1913), *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *O Eu e o id* (1923), e *A Interpretação dos sonhos* (1900). A ideia central é acompanhar a apropriação e evidenciar as modificações que Freud incide nesse conceito. Para isso, adotaremos a releitura desses textos levando em consideração a lógica interna do texto e os desdobramentos desse conceito no interior da teoria freudiana.

Pois bem, ressaltamos que, ao longo da obra, Freud faz referência a diferentes identificações, mas, ao sistematizar este conceito em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), o psicanalista reconhece três formas de identificação. Vimos que o tipo de ligação presente na massa corresponde à identificação com o líder, ou a uma ideia, tomados como ideal. Portanto, a delimitação freudiana das três formas de identificação no capítulo VII do seu ensaio de 1921 comparece, primeiro, na forma de identificação ao ideal, ou seja, aquilo que o sujeito gostaria de ser. Além desta identificação ao pai tomado como ideal, observaremos no decorrer deste capítulo, a identificação ao traço único (*einzigster Zug*) e a identificação que pode surgir a cada vez que é percebido um novo elemento em comum.

No contexto das massas, veremos, a seguir, que a identificação opera como identificação ao ideal e pode ser “parcial e altamente limitada, tomando emprestada apenas um traço único” (FREUD, 1921/2020, p.180). Portanto, representando esse traço único, teríamos aqui o eixo principal de constituição do laço social como fenômeno.

3.1 Identificação primária e pai como ideal

A primeira forma de identificação descrita por Freud (1921/2020), talvez seja a mais enigmática, designada como identificação canibalesca ou identificação a um ideal. Para nos referirmos a essa primeira fonte da identificação, reuniremos alguns pontos dispersos na teoria psicanalítica, inclusive elaborados após a escrita do texto que por ora analisamos. No texto freudiano *O eu e o id*, ao referir-se à origem do ideal do Eu, Freud (1923/2018) diz: “por trás dele se esconde a primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal” (p.38). Em nota de rodapé, o psicanalista acrescenta que talvez fosse

mais prudente dizer “com os pais”, uma vez que nos primórdios da constituição subjetiva, a criança ainda não consegue discernir entre a mãe e o pai. À primeira vista, Freud (1923/2018) considera que esta primeira e significativa forma de identificação não parece ser “consequência de um investimento objetal; é uma identificação direta e imediata, mais antiga do que qualquer investimento de objeto” (p.36). Portanto, é nesse sentido que podemos entender esta fonte de identificação como primária, ou caracterizá-la como identificação pré-edipiana.

Maria das Graças Leite Dias (2009) explica-nos que essa identificação é anterior ao surgimento do primeiro investimento de objeto (o seio materno), à cisão eu/não eu e ao engajamento no conflito edípico. A autora busca o suporte lógico dessa identificação no mito de “Totem e tabu” (1913 [1912]), uma vez que esta identificação não se dá com o pai do registro civil, mas com o pai imemorial, mítico.

O mito apresentado por Freud em *Totem e tabu* (1913) considera que o “primeiro pai” na espécie humana foi um tirano perverso que, por meio da força, mantinha a mulher e a prole sob seu jugo, a fim de satisfazer suas necessidades, inclusive sexuais. Essa trama é bem conhecida: “certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim, terminando a horda primeva” (p.216), incorporando o morto, como canibais. Freud (1913/2016) demonstra como “os membros do clã se socializam mediante o consumo do totem, reforçam a identificação com ele e entre si” (p.215); no parágrafo seguinte, o psicanalista afirma que “a psicanálise nos revelou que o animal totêmico é de fato o sucedâneo do pai” (p.215). Segundo Freud (1913/2016), neste ato de devorar o pai, os irmãos realizam a identificação com ele, e cada um se apropria de parte de sua força. Com esse assassinato, os filhos passam a proibir a si mesmo o que antes era exclusivo ao pai: assassinato e incesto. Assim, institui-se a renúncia pulsional como principal exigência da formação das coletividades e instituição das leis proibitivas. Dias (2009) destaca que, “no ato de devorar o pai, os irmãos não só incorporam pedaços do seu corpo como também assimilaram, introjetaram a linguagem, o desejo e o ideal” (p.33).

Para Freud (1921/2020), essa identificação nos conduziria a uma fase oral da organização da libido, onde o objeto almejado e apreciado foi incorporado. Trata-se de uma operação onde o sujeito molda o próprio Eu para agir segundo alguém com quem se identifica, alguém que fora tomado por modelo, naquilo que o sujeito gostaria de ser. Em 1921, Freud atribui essa identificação ao objeto primordial, como sendo o pai este objeto. Ao tomar o canibalismo como protótipo dessa primeira identificação, Freud (1921/2020) nos ensina que a

incorporação é o modelo oral da identificação e que essas pulsões mostram a ambivalência em relação ao objeto de amor presente, uma vez que o objeto é incorporado e destruído.

Esse traço de incorporação da identificação, segundo Freud (1921/2020), representaria um papel fundamental na “pré-história do complexo de Édipo”, que se traduz no apego inicial onde o Eu incorpora algumas qualidades do objeto amado. Vejamos o exemplo a seguir:

O menininho dá mostras de um interesse particular por seu pai, gostaria de ficar como ele, de ser como ele e de tomar seu lugar em todos os aspectos. Digamos tranquilamente: ele toma seu pai como seu ideal (...) Simultaneamente a essa identificação com o pai, talvez até mesmo anteriormente, o menino começou a efetuar um verdadeiro investimento de objeto na mãe, de acordo com o tipo de apoio (*Anlehnungstypus*) (...) Ambas subsistem lado a lado por um tempo, sem influência ou perturbação mútua (...) Ela [a identificação] conduz-se como um derivado da primeira fase oral da organização libidinal, na qual o objeto cobiçado e apreciado foi incorporado através do ato de comer e assim foi aniquilado como tal (FREUD, 1921/2020, p.178).

Podemos depreender que a identificação e o investimento de objeto são, muitas vezes, processos que acontecem de forma independente um do outro, podendo subsistir lado a lado por um tempo. Por outro lado, a aproximação da identificação ao ato de incorporar o objeto cobiçado nos reenvia para as ligações entre o Eu e a sexualidade. Nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016) introduz alguns acréscimos inspirado nos trabalhos de K. Abraham no que diz respeito às propriedades da fase oral da organização da libido. Neste ensaio, o psicanalista assinala o conceito de pulsão (*Trieb*) enquanto representante psíquico de uma fonte endógena de excitação, em contraste com estímulos vindos de fora do organismo. O conceito de pulsão em psicanálise opera de forma fronteira entre o psíquico e o somático. Freud (1905/2016) diferencia as pulsões entre si por meio dos atributos de suas fontes (órgãos de onde parte o processo excitatório) e suas metas (remoção do estímulo excitatório). Estas zonas de onde partem o impulso, conhecidas como erógenas, dão sinais da sexualidade no corpo. Freud (1905/2016) se depara com a tarefa de pensar a emergência do sexual como tal a partir de seu apoio na função alimentar, trazendo a marca da sexualidade desde os primeiros tempos da infância e demonstra como o bebê, erogeneizado pelos cuidados de um outro, sai do estatuto de puro organismo para a emergência de um corpo pulsional.

De início, a satisfação da pulsão aparece intimamente ligada à função orgânica das necessidades corporais, somente depois irá se desvencilhar delas. O psicanalista oferece como

exemplo a nutrição lactante pelo seio materno. O seio materno torna-se fonte do prazer sexual e, em seguida, Freud (1905/2016) aponta a dissociação entre a necessidade de alimento e o prazer erótico produzido pela experiência de sucção do leite materno. Os lábios tornam-se objeto da pulsão sexual. Logo depois, Freud (1905/2016) sugere fases sexuais pré-genitais da organização da vida sexual, sendo a fase oral a primeira de tais organizações, ressaltando que “a atividade sexual ainda não se encontra separada da ingestão de alimentos, correntes opostas ainda não estão indiferenciadas em seu interior” (FREUD, 1905/2016, p.108). Ao referir-se a fase oral como primeira fase da organização da vida sexual, o autor remete a uma incorporação (*Einverleibung*) do seio. Na letra de Freud, “a meta sexual consiste na incorporação do objeto, no modelo daquilo que depois terá, como identificação, um papel psíquico relevante” (FREUD, 1905/2016, p.108). Temos a ideia de incorporação de um objeto sexual parcial como sendo o protótipo da identificação. Como fica evidente, a criança não incorpora, no sentido da necessidade alimentar, o seio materno. Segundo Maria das Graças Leite Dias (2009), “o canibalismo, tanto o da pré-história da humanidade como o da fase oral primitiva do desenvolvimento sexual, funciona como protótipo da identificação, como uma tentativa de assegurar uma identificação ao ideal” (p.34).

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921/2020) afirma que a identificação prepara o caminho para o complexo de Édipo. Em relação ao investimento de objeto do menino na mãe e a identificação com pai, Freud mesmo diz: “ambas coexistem lado a lado por um tempo (...) Em consequência do avanço incessante da unificação da vida psíquica, elas finalmente se encontram, e, dessa confluência, nasce o complexo de Édipo normal” (1921/2020, p.178). Desse modo, no complexo de Édipo, há uma confluência desses dois processos (identificação e escolha de objeto) nas figuras parentais.

Freud (1923) dirá que a identificação com o pai assume uma tonalidade hostil, muda para o desejo de eliminá-lo, a fim de substituí-lo junto à mãe. Portanto, desde o início, a identificação com o pai é ambivalente. Segundo Freud:

Podemos supor, então, que o resultado mais comum da fase sexual do complexo de Édipo é um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma a outra. Essa alteração do Eu conserva a sua posição especial, surgindo ante ao conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Super-eu (FREUD, 1923/2018, p.42).

Portanto, nessa fonte da identificação instaura-se a diferenciação entre o Eu, o ideal do Eu e o Super-eu, a partir do efeito da incorporação do objeto amado-odiado que o Eu perdeu.

Do lado do ideal do Eu: “Assim (como o pai) você deve ser”; já do lado do Super-eu, o psicanalista também compreende o fator da proibição: “Assim (como o pai) você pode não ser, isto é, não pode fazer tudo que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele” (p.43). Por isso, Freud (1923/2018) diz que os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, com base no mesmo ideal do Eu, herdeiro do complexo de Édipo. O ideal do Eu, desse modo, é um precipitado da antiga relação com o pai, ou com os pais, uma vez que na origem, ambos eram indiscerníveis.

Temos esse primeiro modo de identificação canibalesca que participa da constituição do Eu como tal. A criança incorpora o objeto e então o aniquila, expressão da fase oral da organização da libido, o que possibilita entendermos a identificação primária como sendo mítica ou simbólica. Freud (1921/2020) dá o exemplo do canibal que devora seu inimigo e, portanto, permaneceu na fase oral da organização da libido. Os afetos endereçados aos seus inimigos demonstram não só a hostilidade, mas também a admiração – uma vez que incorpora o objeto tomando para si suas qualidades. Passaremos agora a outra fonte de identificação, considerada mais tardia, que participa da formação neurótica do sintoma que acontece no final do complexo de Édipo, momento em que o investimento libidinal dedicado aos pais é abandonado em favor de identificações.

3.2 Identificação regressiva e complexo de Édipo

Dando continuidade ao percurso freudiano das três formas de identificação em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921/2020) se remete à noção de identificação como “um processo insuficientemente conhecido, difícil de representar, cuja investigação agora irá nos manter afastados por um bom tempo do tema da psicologia das massas” (FREUD,1921/2020, p.177). Percorremos até aqui a primeira forma de identificação, a identificação canibalesca, sendo aquela mediante a qual o Eu se constitui como tal ao mesmo tempo em que estabelece um ideal. Existiria outro modo de identificação, mais tardio, que está na base da formação neurótica do Eu. Uma vez que teria relação com o sintoma. Para esta segunda forma de identificação, trata-se de um movimento regressivo ocasionado por um conflito afetivo. A noção de identificação nesse momento é atrelada ao desenvolvimento do complexo de Édipo.

Novamente, Freud (1921/2020) parte do exemplo de uma criança do sexo masculino. O menino, para se tornar sujeito na ordem familiar, deve se identificar com o pai tomado como modelo. Ao mesmo tempo, o menino realiza um investimento de objeto na mãe. Essa distinção entre identificação e escolha de objeto é a mesma diferença entre *ser* como o modelo e *ter* um objeto para a satisfação pulsional. Nas conferências de Bernard Nominé sobre identidade e identificações (2014-2015), que ocorreram na Universidade do Tempo Livre (UTLA), o psicanalista considera que, para Freud: “O Eu tem duas formas de se comportar frente ao objeto que ama: ou bem quer ter esse objeto – é o amor em sua forma clássica – ou bem quer ser esse objeto. Esse é o ponto de partida da identificação” (NOMINÉ, 2014-15, p.20). Este é o princípio freudiano que opõe o ter ao ser.

No exemplo do complexo de Édipo, um menino que mostra interesse particular por seu pai, nas palavras de Freud “gostaria de ficar como ele, de ser como ele e de tomar seu lugar em todos os aspectos” (FREUD, 1921/2020, p.178). Isso porque desde cedo o menino percebe que, em relação à mãe, o pai encontra-se em seu caminho. Nesse caso, a identificação ao pai está a serviço do amor do menino por sua mãe, dado que a criança aspirou ter a mãe como objeto de amor. Neste exemplo, a identificação expressa uma forma primitiva de ligação afetiva a um outro: o menino faz de seu pai seu ideal, ao mesmo tempo em que expressa amor por sua mãe como objeto que ele quer ter. Essa identificação ao pai tomado por ideal prepara o complexo de Édipo e possibilita o investimento libidinal. Contudo, uma primeira objeção surge nesta passagem:

O pequenino percebe que, em relação à mãe, o pai está em seu caminho; sua identificação com o pai assume agora uma tonalidade hostil e se torna idêntica ao desejo de igualmente substituir o pai junto a mãe (FREUD, 1921/2020, p.178).

O menino, portanto, pode identificar-se com seu pai para tomar seu lugar com relação à mãe. Há uma rivalidade em cena. Se consideramos que Freud atrela a identificação ao complexo de Édipo, é por este trazer a marca do conflito que se expressa nesse ternário: “aí estão o Eu, seu objeto e o terceiro que corresponde à situação edípica” (NOMINÉ, 2014, p.21). A partir desse momento a identificação adquire a tonalidade de uma ambivalência de afetos, dando origem ao complexo de Édipo. Com a dissolução do complexo de Édipo, o menino precisa abandonar o investimento objetal na mãe. Freud considera também que o destino dessa identificação ao pai é facilmente perdido de vista mais tarde, pois pode ocorrer que o complexo de Édipo sofra uma inversão, que o pai seja tomado por objeto, “a identificação ao pai se torna

o precursor da ligação de objeto ao pai” (FREUD, 1921/2020, p.179). No primeiro caso, o pai é aquilo que o menino gostaria de ser, enquanto, no segundo, o que gostaria de ter, trata-se, portanto, do papel central, na constituição do sujeito, da identificação com os pais.

Ainda é possível ocorrer que o menino, diante da impossibilidade de ter a mãe como objeto de seu amor, passe a escolher tornar-se esse objeto que não pode ter. Nesse caso, segundo Freud, o complexo de Édipo sofre uma inversão. O menino agora quer ser a mãe, à vista disso, identifica-se a esse objeto que não pode ter. Freud (1921/2020) considera que essa escolha é uma regressão² do objeto de escolha amorosa. À vista disso, o psicanalista observa que o Eu pode querer voltar e fazer de seu objeto de amor um objeto de identificação.

Se em um primeiro momento, Freud aventou a identificação no complexo de Édipo de um menino, mais adiante, Freud (1921/2020) pensa a identificação enquanto formação neurótica do sintoma, no exemplo de uma menina que tenta obter o amor do pai de quem ela fez seu objeto. Neste caso, o autor dirá que a identificação significa “uma hostil vontade de substituir a mãe, e o sintoma exprime o amor de objeto pelo pai” (FREUD, 1921/2020, p.180). O psicanalista assinala que a identificação é a forma mais precoce de ligação afetiva, mas, sob as condições da formação do sintoma, “o Eu, nessa identificações, copia numa vez a pessoa não amada, mas na outra vez a pessoa amada” (FREUD, 1921/2020, p.180), revelando uma ambivalência afetiva nas identificações. A menina, portanto, identifica-se com a mãe para obter o amor do pai:

Suponhamos que a menininha, à qual queremos nos deter agora, contrai o mesmo sintoma e sofrimento de sua mãe, por exemplo, a mesma tosse atormentadora (...) Significa uma hostil vontade de substituir a mãe, e o sintoma exprime o amor de objeto pelo pai; ele realiza a substituição da mãe sob a influência da consciência de culpa: você quis ser a mãe, agora você a é, ao menos no sofrimento (p.180).

Há ainda uma situação da identificação na formação do sintoma, como Freud (1905[1901] /2016) explicita no caso Dora, que imita a tosse do pai (não da mãe). Isso o faz

² No *Vocabulário da psicanálise* (1992), encontramos uma diferenciação do conceito de regressão na teoria freudiana; “a regressão tópica é particularmente encontrada no sonho, onde ela prossegue até o fim; a noção de regressão formal foi menos utilizada por Freud, embora numerosos fenômenos em que há retorno do processo secundário ao processo primário na regressão temporal, Freud distingue, seguindo diversas linhagens genéticas, uma regressão quanto ao objeto, uma regressão quanto à fase libidinal e uma regressão na evolução do ego”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001 p.442). No texto *Além do princípio do prazer* (1920), ao considerar os aspectos conservadores dos instintos orgânicos, Freud aponta para a regressão como restabelecimento de algo anterior, em seu caráter de conservação (p. 204).

encarar o circuito da identificação de outra maneira. É neste caso que Freud retoma a noção de regressão, uma vez que Dora identifica-se com o pai em vez de tomá-lo como objeto. Assim, Freud (1921/2020) trabalha a partir de uma relação da identificação como cópia, onde há relação hipnótica e uma possibilidade de incorporação de um traço particular. Nesta situação edipiana deveria ser esclarecida a reedição da identificação ao traço unário (*einzigster Zug*) por via regressiva:

(...) a identificação surgiu no lugar da escolha de objeto; a escolha de objeto regrediu para a identificação. Aprendemos que a identificação é a forma mais precoce e mais primordial de ligação afetiva; sob as circunstâncias da formação de sintoma, portanto, do recalçamento e da dominância dos mecanismos inconscientes, sempre acontece de a escolha de objeto tornar-se identificação novamente (FREUD, 1921/2020, p.180)

Desse modo, Freud (1921/2020) demonstra que também é possível identificar-se com alguém que foi tomado como objeto sexual, mas que foi perdido ou abandonado. Isso se expressa em uma identificação mais arcaica, concebida como a fase anterior a escolha de objeto. Assim, de forma regressiva, o objeto é reestabelecido no Eu do sujeito. Temos, portanto, que o sintoma neurótico tem seu fundamento na identificação a um traço.

A menina identifica-se com a mãe não porque a ama, mas por tomá-la como sua rival. Na letra de Freud, “significa uma hostil vontade de substituir a mãe, e o sintoma exprime o amor de objeto pelo pai” (FREUD, 1921/2020, p.180). Podemos notar o mesmo traço de rivalidade no complexo de Édipo do menino, que endereça sua rivalidade a figura do pai, desejando ocupar o lugar deste frente à mãe. O complexo de Édipo designa esses sentimentos amorosos e hostis que a criança investe sobre os pais e que serão gradualmente substituídos por identificações. Como vimos anteriormente, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), nos primórdios da sexualidade infantil, o primeiro objeto sexual do menino e da menina é o seio da mãe (objeto parcial). Por ter percebido certa organização nas pulsões sexuais infantis, Freud (1905) começa a agrupar tais pulsões em fases do desenvolvimento infantil: fase oral, fase sádico-anal, fase fálica (incluída posteriormente). No artigo *A organização genital infantil: um acréscimo à teoria da sexualidade* (1923), Freud nos diz que na fase fálica, concomitante ao complexo de Édipo, “não há (...) uma primazia genital, mas uma primazia do falo” (FREUD, 1923/2018, p.171). As fases da sexualidade infantil partem da premissa da presença universal do falo, ou seja, é reconhecido apenas um genital, o pênis, e essa “ausência de pênis é vista como resultado de uma castração” (FREUD, 1923/2018, p.173). Entretanto, no curso do desenvolvimento sexual, em determinado momento o menino descobre que o pênis

não é um bem comum a todos e com a visão dos órgãos genitais femininos, o menino constata a ausência de pênis, embora haja uma recusa, mediante a evasiva que o pênis poderá crescer. Com essa descoberta, o menino se depara com a ameaça da castração, ou seja, o seu desejo incestuoso para com a mãe e seu desejo de ocupar o lugar do pai teria por consequência a castração. Para Freud (1923/2018), no complexo de Édipo do menino, o perigo real que ele teme é a punição de ser castrado, ou seja, de perder seu órgão genital e, diante do interesse narcísico em conserva-lo, o menino é forçado a abandonar o desejo de incesto e introjetar a lei da proibição do incesto. Freud mesmo diz:

Os investimentos objetais são abandonados e substituídos por identificações. A autoridade do pai ou dos pais, introjetada no Eu, forma ali o amago do Super-eu, que toma ao pai a severidade, perpetua a sua proibição do incesto e assim garante o Eu contra o retorno do investimento libidinal de objeto. As tendências libidinais próprias do complexo de Édipo são dessexualizadas e sublimadas em parte, o que provavelmente ocorre em toda transformação em identificação (FREUD, 1923/2018, p.209).

Após a introjeção³ da lei, pela via da identificação, o menino busca objetos substitutivos e volta-se para o universo social. Vale lembrar que no texto freudiano *Sobre a psicologia do colegial* (1913/1914), Freud diz que para o menino, na segunda fase de sua infância, vem ocorrer uma mudança na relação com o pai:

O garoto começa a lançar o olhar além de sua casa, para o mundo lá fora, e inevitavelmente faz descobertas que solapam sua elevada estima original do pai e promovem seu desprendimento desse primeiro ideal (Freud, 1913/1914, p. 422).

Portanto, ao incorporar a lei paterna há a proibição do incesto, lei primordial. Por outro lado, a incorporação dessa lei abre a possibilidade para novos investimentos afetivos fora do grupo familiar, ou seja, no âmbito social. Desse modo, o complexo de Édipo passa a ser considerado o momento privilegiado da sexualidade infantil, por localizar o falo e a castração, tornando-se a estrutura que organiza o sujeito em torno das diferenças entre os sexos, possibilitando o enlaçamento social. O Édipo, nesse sentido, descreve uma estrutura em que a posição de seus membros (pai, mãe e filho) é determinada por algo que circula entre eles: o

³ Neste texto, nota-se que Freud não usa o termo incorporar, mas introjetar. Segundo o *Vocabulário da psicanálise* (1992), Freud atribui um papel essencial à introjeção, de par com a projeção, na gênese do sujeito (ego) – objeto (mundo exterior). Trata-se do processo em que o sujeito assume no seu ego os objetos que se apresentam a ele na medida em que são fontes de prazer, introjetando-os: “incorporação e introjeção são protótipos da identificação ou, pelo menos, de algumas modalidades em que o processo mental é vivido e simbolizado como uma operação corporal (ingerir, devorar, guardar dentro de si etc.)”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 232).

falo. Portanto, a identificação ao pai em posição de ideal convoca, necessariamente, os investimentos de objetos a serem substituídos por identificações. Essa primeira identificação ao pai funciona como suporte da identificação ao traço unário, que se atualiza nesse momento estrutural do desenvolvimento libidinal pela proibição do incesto, responsável pela inserção na cultura, possibilitando, portanto, o enlaçamento social. Por isso, consideramos, junto a Freud, que o complexo de Édipo articulado ao complexo de castração e a organização fálica, torna-se a estrutura que permite ao sujeito a assunção de um lugar social. Em uma tentativa de esclarecer a relação entre as identificações e o declínio do complexo de Édipo, a psicanalista Maria das Graças Leite Dias (2009) diz que a criança renunciou ao investimento objetal que depositou nos seus pais substituindo-os por identificações, que comporão o núcleo do supereu e do Ideal do Eu. Em suas palavras: “identificações desse tipo, que desde o início estiveram presentes de forma embrionária, repetir-se-ão muitas vezes, posteriormente, de forma mais elaborada, na vida da criança” (p.39).

Nesses casos de identificação regressiva consideramos que a identificação não se faz com alguém que se é indiferente, mas por alguém que se está ligado mediante uma relação amorosa direta ou indiretamente. Essa segunda identificação que tratamos agora, chamada regressiva, participa da formação neurótica dos sintomas e substitui uma ligação objetal amorosa através da introjeção do objeto no Eu. Acompanhamos o exemplo freudiano da identificação com o objeto odiado, a mãe, no caso do complexo de Édipo feminino – a menina adquire o mesmo sintoma que a mãe. Outra possibilidade é a identificação com o objeto amado, onde o sintoma é o mesmo da pessoa amada. Sendo assim, se consideramos uma identificação regressiva no complexo de Édipo, esta seria ocasionada por um conflito afetivo. Neste caso, o sintoma neurótico se apropria de um traço (*Einziges Zug*) do objeto que fora perdido ou abandonado. Portanto, tanto a identificação primária quanto a regressiva são descritas por Freud como parciais e altamente limitadas. Porém, Freud esboça o movimento pelo qual o sujeito é constituído segundo o modelo dos seus objetos anteriores: o seio, o pai, a mãe, pessoas do seu meio etc. Assim, podemos circunscrever os efeitos do complexo de Édipo sobre a estruturação do sujeito em termos de identificações: os investimentos nos pais são substituídos ou abandonados por identificações, favorecendo o enlaçamento social.

3.3 Identificação histórica e desejo

No texto *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921/2020) apresenta seu protótipo para pensar a identificação histórica que, constatamos no item anterior, aparecer na segunda forma de identificação com o exemplo da tosse de Dora. Mas, antes de prosseguirmos na discussão de Freud em *Psicologias das massas e análise do eu*, retomemos as considerações sobre a noção de identificação vinculada a infecção ou imitação que surgem desde o começo da prática e da teorização psicanalítica, aparecendo na correspondência de Freud para Fliess de 2 de maio de 1897. Nesse momento, a problemática geral das identificações foi enunciada com a formação dos sintomas e dos sonhos em pacientes históricas.

Ao descrever os diferentes sintomas apresentados na histeria, o próprio autor reconhece que a existência das identificações nos permite usar a expressão: “multiplicidade de personalidades psíquicas” (FREUD, 1886/1996, p.334). Há algo nessa identificação que vai além de uma imitação histórica e que inclui aquilo que Freud (1900/2019) diz corresponder “a um processo de inferência inconsciente” (p. 172). Para demonstrar tal processo, o autor se serve de um exemplo que parte da observação de um médico que trabalha em uma enfermaria onde o paciente que ele cuida tem espasmos e, posteriormente, os outros pacientes internados adquirem e repetem os mesmo sintomas, deduzindo tratar-se de uma imitação. Para Freud (1900/2019), isso ocorre porque os pacientes costumam saber mais sobre a vida dos outros do que o médico sabe sobre cada um, portanto, prestam mais atenção aos seus companheiros, inclusive após uma visita médica. Freud (1900/2019), então, faz sua hipótese sobre a identificação: um deles sofre uma crise; logo, os outros descobrem que a causa foi uma carta de sua família, e isso lhes proporciona o reavivamento de uma lembrança amorosa infeliz, provocando solidariedade nos pacientes. Desse modo, Freud (1900/2019) pode chegar a sua articulação de que “a identificação não é, portanto, simples imitação, mas *apropriação* com base na mesma pretensão etiológica; expressa um ‘igual a’ e remete a algo em comum que permanece no inconsciente” (p.173).

Continuaremos, agora, em “A interpretação dos sonhos” (*Traumdeutung*), no capítulo IV, que descreve o sonho da Bela Açougueira. Faz-se importante contextualizar que, nesse momento, Freud deu uma chave importante para a interpretação dos sonhos de sua paciente. Com a sua conhecida tese de que o sonho é a realização de desejos, sua paciente

histórica fez objeções a esta tese trazendo um relato que, a princípio, colocaria o pensamento freudiano em questão:

O senhor sempre afirma que o sonho é um desejo realizado, começa uma paciente espirituosa. “Quero contar-lhe um sonho cujo conteúdo consiste justamente no fato de um desejo não ser realizado” (FREUD, 1900/2020, p.181).

Seguimos com o conteúdo apresentado do sonho:

Pretendo oferecer um jantar, no entanto, nada tenho em casa além de um pouco de salmão defumado. Penso em fazer compras, mas me lembro de que é uma tarde de domingo, quando todas as lojas estão fechadas. Pretendo então ligar para alguns fornecedores, mas o telefone está com defeito. Assim, sou obrigada a desistir do meu desejo de oferecer um jantar (FREUD, 1900/2020, p.181).

Freud (1900/2020) responde-lhe, a princípio, que apenas a análise poderá revelar o sentido do sonho, mesmo que, à primeira vista, a paciente apresente de forma coerente que o seu sonho pode ser o oposto da realização de um desejo. Bem sabemos que, em 1900, o método de interpretação dos sonhos consistia em informar seu sentido; para isso, faz-se necessário localizar o conteúdo latente dos pensamentos no sonho, visto que, segundo Freud, “um sonho pode estar inserido na concatenação psíquica que podemos rastrear na memória a partir de uma ideia patológica” (FREUD, 1900/2020, p.132). Por isso, trata-se de localizar as cadeias associativas que formaram o conteúdo manifesto do sonho, isto é, as elaborações feitas pela paciente com base no material onírico apresentado. Vejamos o relato que faz Freud:

O marido da paciente, um açougueiro atacadista, honesto e trabalhador, lhe explicou na véspera que estava engordando demais, e que, por isso, iniciaria uma dieta. Pretendia levantar cedo, fazer exercícios e manter uma dieta rigorosa e, sobretudo, não aceitar mais nenhum convite para jantares. – Rindo, ela conta que seu marido conhecera um pintor em seu restaurante preferido, que insistiu em retratá-lo, pois jamais havia encontrado uma cabeça tão expressiva. Com seu jeito rude, porém, o marido agradeceu, afirmando ter certeza de que o pintor preferia um pedaço do traseiro de uma bela moça ao seu rosto inteiro. A paciente continuou dizendo que agora estava muito apaixonada por seu marido e que brincava muito com ele. Também lhe pediu que não a presenteasse com caviar. – O que significa isso? Há muito tempo, ela deseja comer toda manhã um pãozinho com caviar, no entanto, não se permite esse gasto. É claro que receberia o caviar imediatamente de seu marido, se lhe pedisse. Preferiu, porém, pedir que não lhe desse o caviar, para poder continuar a brincar com isso (FREUD, 1900/2020, p.182).

Freud admite que, até o momento, tal explicação parece pouco crível, e que haveria, por trás dessa insatisfação, motivações não admitidas. Para ele, sua paciente é forçada a criar

um desejo não realizado em sua vida. A questão, portanto, seria: *por que ela precisa de um desejo não realizado?*

Após uma breve pausa, que corresponde ao tempo necessário para vencer uma resistência, ela relata que ontem fez uma visita a uma amiga da qual sente bastante ciúme, pois seu marido sempre a elogia muito. Felizmente, essa amiga é magra e seca, e o marido da sonhadora é amante de corpos mais rechonchudos. Sobre o que falou essa amiga? Evidentemente sobre seu desejo de ganhar algum peso. Ela também lhe perguntou: “Quando vocês nos convidarão novamente? Sua comida é sempre tão gostosa”. Agora o sentido do sonho está claro. Posso dizer à paciente: “É como se a senhora, ao ouvir isso, tivesse pensado: ‘É claro que vou convidá-la, para que você possa engordar e agradar ainda mais ao meu marido. Prefiro não oferecer mais nenhum jantar’. O sonho lhe diz então que a senhora não pode oferecer nenhum jantar, ou seja, ele realiza seu desejo de não contribuir para o enchimento das formas físicas de sua amiga. A intenção de seu marido, de não participar mais de jantares e emagrecer, lhe diz que as coisas oferecidas nos eventos sociais engordam”. Falta agora apenas alguma coincidência que confirme essa solução. E também não explicamos ainda o salmão defumado no conteúdo do sonho. “De onde surgiu o salmão mencionado no sonho?” “Salmão defumado é o alimento preferido dessa amiga”, ela responde. Por acaso, conheço essa senhora e posso confirmar que ela não se permitiria o salmão, assim como a minha paciente não se permite o caviar (FREUD, 1900/2020, p.182).

As associações produzidas revelaram que a paciente havia visitado, no dia anterior, uma amiga de quem tinha ciúmes, porque seu marido sempre a elogiava. Freud (1900) apresenta uma interpretação sutil do sonho que nos leva a identificação. A paciente gosta de caviar e poderia obtê-lo, mas prefere que seu desejo se mantenha insatisfeito. A amiga gosta de salmão, mas não se permite comê-lo. Freud aponta que justamente aí recai a identificação da paciente para com sua amiga, justamente pelo fato desta amiga também manter para si um desejo insatisfeito em relação ao salmão. Além disso:

Também a amiga havia manifestado um desejo, o de engordar, e não nos surpreenderíamos se minha paciente tivesse sonhado que o desejo da amiga não se realizou. Pois seu próprio desejo é que um desejo da amiga – o de ganhar peso – não se realize. O sonho adquire uma nova interpretação se nele ela se refere não a si mesma, mas à amiga, se se coloca no lugar da amiga ou, como podemos dizer, se se identifica com ela (FREUD, 1900/2020, p.183).

O ponto em que pôde se identificar com sua amiga é o desejo insatisfeito, diz Freud. No entanto, ao que parece, o sonho de não se satisfazer parece relacionar-se com o desejo de que sua amiga não engordasse. Nesse caso, o desejo insatisfeito está por toda parte: o pãozinho de caviar que a paciente gosta, mas pede para que seu marido não o compre e o desejo insatisfeito de sua amiga pelo salmão. Por isso, Freud (1900/2020) considera ser pela via da

identificação que sua paciente consegue expressar o seu desejo, dado que “a identificação é um elemento de grande importância; é por meio dela que os doentes conseguem expressar em seus sintomas as vivências de um grande número de pessoas, não só as próprias; elas sofrem, em certo sentido, por toda uma multidão” (FREUD, 1900/2020, p.184).

A formação do sintoma na clínica com a histeria permite a Freud uma certa continuidade com a concepção trazida em sua carta para Fliess de 2 de maio de 1897 no que tange a identificação no sintoma histérico, onde pode se reconhecer certa “multiplicidade de personalidades psíquicas” (FREUD, 1886, p. 334). Fica claro em seu texto de 1900 que a identificação histérica não se reduz a um processo de imitação, uma vez que o ato psíquico que percorre esse caminho é um ato inconsciente, por isso, na histeria, a identificação é usada, na maioria das vezes, para expressar um elemento sexual em comum. Ou seja, é pela via da identificação histérica que Freud pode exprimir um desejo sexual recalcado em sua paciente, extraído a partir de elementos do seu sonho.

Ao pensar as identificações como processos inconscientes em sua obra, Freud abandona as descrições advindas da psiquiatria a respeito dos comportamentos históricos, como a imitação. Com sua teoria da descoberta do inconsciente articulado com o sexual, Freud irá rever conceitos atribuídos à imitação histérica, interrogando seu caráter psiquiátrico de antes. Em seu texto, Freud (1900) demonstrava que a condição da identificação histérica não traz a marca de uma simples imitação, trata-se, antes, da “mesma pretensão etiológica; expressa um ‘igual a’ e remete a algo em comum que permanece inconsciente” (FREUD, 1900/2020, p.184). Nesse sentido, a identificação histérica nos ensina que se há identificação é porque há algo inconsciente recalcado em comum.

É interessante notar que Freud retoma esta ideia em 1921, no capítulo sobre as identificações em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, já que Freud (1921/2020) pensa a identificação histérica como uma identificação que ocorre através de um traço em comum com uma pessoa que não é objeto de satisfação sexual.

No caso que Freud (1921/2020) agora apresenta, uma das moças de um pensionato recebe secretamente uma carta daquele que ama e, ao receber a carta, a jovem tem uma crise de ciúmes. As outras moças do pensionato, ao saberem do fato, assumem a mesma crise, segundo Freud, “pela via da infecção psíquica” (FREUD, 1921/2020, p.180). Ou seja, uma moça, ao receber uma carta de alguém por quem estava apaixonada, é tomada por ciúmes que desencadeiam uma crise histérica. Como efeito, as amigas que compartilhavam do internato –

e que sabiam da situação – acabam tendo a mesma reação, ou seja, vivenciam a mesma crise como uma forma de identificação baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação. Por que, então, em seu exemplo do pensionato, Freud (1921/2020) novamente usa a expressão “pela via da infecção psíquica”?

Freud (1921/2020) parte da ideia de que existe, por parte das amigas, uma identificação ao desejo da moça, ou seja, que elas também desejavam viver um romance e que, por isso, compartilharam do sofrimento envolvido na situação. Em suma, há um ponto de coincidência entre os sujeitos envolvidos na situação que acarreta numa identificação ao sintoma; nesse sentido, a identificação relaciona-se ao que se passa no nível do desejo. Essa forma de identificação nos leva a considerar que o adoecimento psíquico também se revela nas identificações coletivas.

Um Eu percebeu no outro uma analogia importante em um ponto, em nosso exemplo, a mesma disposição afetiva; a partir daí, forma-se uma identificação nesse ponto, e, sob a influência da situação patogênica, essa identificação desloca-se para o sintoma que o primeiro Eu produziu. A identificação por meio do sintoma torna-se, então, índice de um lugar de coincidência dos dois Eus, lugar esse que deve ser mantido recalcado (FREUD, 1921/2020, p.180).

Estas considerações são importantes por destacarem que na identificação histérica o sintoma descola-se para o sintoma que o Eu produziu, sintoma que corresponde a um ponto que o sujeito não tem acesso, por ser um sentimento recalcado. Nesse tipo de identificação, a pessoa copiada não é nem amada, nem odiada, trata-se de identificar-se em seu sintoma. A respeito da terceira forma, Freud diz que quanto mais importante essa qualidade em comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço.

Também nessa passagem alguns aspectos sobre a solidariedade são esclarecidos. A solidariedade, Freud (1921/2020) nos diz, é consequência da identificação, não a sua causa.

O mecanismo é o da identificação, fundado em um poder de colocar-se ou em um querer colocar-se no mesmo lugar. As outras também gostariam de ter uma relação amorosa secreta, e, sob a influência da consciência de culpa, elas aceitam também o sofrimento a ela ligado. Seria incorreto afirmar que elas se apropriam do sintoma por solidariedade. Ao contrário, a solidariedade só nasce da identificação, e a prova disso é que essa infecção ou imitação se estabelece também em circunstâncias nas quais cabe supor entre as duas pessoas uma simpatia preexistente bem menor do que aquela que pode estabelecer-se habitualmente entre amigas de pensionato (FREUD, 1921/2020, p.180).

Neste terceiro caso de formação do sintoma pela histeria, em que o laço identificatório “faz abstração total da relação de objeto com a pessoa copiada” (FREUD, 1921/2020, p.180), a identificação trata da formação do sintoma, não mais de um traço copiado do objeto. Por isso, Freud (1921) chega a postular essa “identificação através do sintoma” como o início de um novo laço e, talvez, de solidariedade.

Freud percorre um caminho ao tomar a identificação histórica, diferenciando-a de noções como imitação, empatia e solidariedade. A ideia de uma identificação que se expressa através do sintoma, ou ponto de recalcado entre dois eus, será imprescindível para a compreensão desse campo no qual situamos as identificações e a formação da massa, porque, até então, o sintoma é decorrente de um desejo sexual na trama incestuosa do complexo de Édipo. Nesse momento, Freud se ocupa de um outro modo de formação de sintoma em que não preexiste um laço sexual ao objeto, o que o leva a elucidar os mecanismos de formação de uma massa, justamente porque a identificação também é condição para instauração de um novo elo social, uma vez que na identificação histórica o sujeito procura a causa do desejo no outro para produzir um desejo análogo, por isso, uma identificação contagiosa.

Outra pontuação a respeito dessa identificação descrita por Freud (1921/2020), consiste na argumentação de que “a ligação recíproca dos indivíduos da massa é da mesma natureza que essa identificação nascida de um elemento em comum afetivamente importante” (FREUD 1921/2020, p.181/182). Em seguida, Freud supõe que esse elemento em comum reside no tipo de ligação com o líder. Acrescenta que estamos longe de ter esgotado o problema da identificação, pois, “estamos diante do processo que a Psicologia chama de ‘empatia’, o qual detém a parte maior de nossa compreensão sobre o que é estranho-ao-Eu [*Ichfremde*] nas outras pessoas” (FREUD, 1921/2020, p. 182). Freud parece deixar pistas que nessa identificação nos deparamos com a incorporação de algo no outro que, ao mesmo tempo em que é estranho, também é próprio. Consideramos, portanto, que a identificação histórica parece se ancorar na incorporação desse “estranho-ao-Eu” que já lhe é próprio.

3.4 Considerações finais

Construímos a base teórica que demonstra que o individual e o coletivo têm um plano comum. Esse plano comum, lido por Freud, encontra-se no complexo de Édipo: a identificação aparece na base tanto da constituição do Eu, quanto na formação do coletivo. Apesar de não haver sistematizada uma teoria das identificações na obra freudiana, tentamos extrair elementos necessários para sua elaboração. Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921/2020) chega a descrever três tipos possíveis de identificações.

No primeiro deles, como vimos anteriormente, a identificação é tomada pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa, desempenhando um papel fundamental na história primitiva do complexo de Édipo, enquanto o menino toma o pai como ideal. De início, a ênfase recai no momento canibalístico da pulsão, que corresponde a identificação por incorporação a um ideal. Esta identificação, considerada primária é inaugural e o ponto de partida que torna possível que identificações posteriores ocorram.

Temos, ainda, o segundo tipo de identificação ilustrado pelo exemplo de Dora, que possuía a mesma tosse de seu pai. Freud (1921/2020) assevera que essa identificação ao sintoma surgiu no lugar da escolha de objeto de forma regressiva, devido ao recalque. Essa identificação, que o psicanalista nomeou como parcial e altamente limitada, toma emprestado apenas um traço da pessoa que é objeto dela. Aqui o Eu assume algumas características do objeto introjetado. Essa identificação torna-se sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal.

Um último problema aparece no terceiro tipo de identificação, sendo aquela que surge de qualquer nova percepção de uma qualidade afetiva em comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto da pulsão sexual. Haveria um ponto de coincidência entre dois Eu's que levaria à identificação por *infecção psíquica*. O laço existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo. Ora, Freud inicia suas considerações sobre a identificação histórica tentando nos mostrar que identificar-se nada tem a ver com imitação ou com o mimetismo, uma identificação é outra coisa: ela toma um empréstimo de um traço do outro, que passa a constituir o próprio Eu do sujeito. Assim, entendemos que uma identificação deixa marcas, na medida em que a identificação é o processo de apropriação de traços de outros seres humanos pelo qual se constitui e se transforma o próprio sujeito. Neste

ponto Freud (1921) nos ajuda a pensar a formação do coletivo pela identificação ao desejo insatisfeito.

Seguir as identificações na teoria freudiana nos conduziu às seguintes questões: com que ou com quem o Eu se identifica e através do quê? Vimos a identificação ao ideal do Eu (representado pela figura do líder) e uma identificação com um desejo em comum compartilhado com os semelhantes (representado pelos membros do grupo). Ambas as identificações possuem certo estado regressivo, onde se encontra o caráter contingente das identificações estruturadas pelo traço unário. Portanto, poderíamos aqui seguir a análise de Lacan de que o conceito chave que permite pensar a identificação como função estruturante na constituição do sujeito e do social é o traço unário (*einzigster Zug*) que, como uma cifra, corresponde a marca primeira de um sujeito a partir do significante. Em seu *O seminário, livro 9: a identificação* (1961-62), Lacan faz a seguinte assertiva: “dado que é pela elaboração do simbólico que começamos, o importante da identificação deve recair sobre a relação do sujeito com o significante” (Lacan, lição de 15/11/1961 - inédito).

No Seminário sobre a identificação, Lacan (1961-62) afirma que todo significante é constituído pelo traço, isto é, tem o traço como suporte. Apesar de traço único ser uma tradução do alemão, Lacan evita a ideia de unidade, unicidade ou totalidade que geralmente associamos ao *um*. Para Lacan (1961-62), não se trata de uma identificação única com o ser inteiro (Lacan, lição de 06/12/1961 - inédito). O traço unário seria, antes, um traço distintivo, de pura diferença, que marca a divisão do sujeito pela própria linguagem. Na constituição do sujeito, esse traço teria a função de bastão, como traço distintivo, tanto mais distintivo quanto mais apagado, pois é na medida em que se reduz a um traço sem qualidades, isto é, puro bastão, que ele funciona como pura diferença. Portanto, na constituição subjetiva, o traço unário é um signo do assentimento do Outro à existência de um corpo enquanto ser humano, uma vez que o Outro, ao reconhecer no organismo vivo que acaba de nascer um sujeito, precipita a formação de um “eu”, ainda que servindo-se de um ideal do Eu.

Nessa via, consideramos importante distinguir o *UM* do traço unário e o *UM* da unificação e do ideal, tanto no que diz respeito a unidade do eu, quanto ao encarnar a figura do líder, tal como o modelo apresentado por Freud (1921) referente a formação de grupo. O que caracteriza o líder para os membros do grupo é o fato deste ocupar o lugar de ideal do Eu. Isso, para Freud (1921), tem efeito hipnótico e de homogeneização no grupo. Para Lacan (1961-62), o *UM* enquanto ideal do Eu, daria a dimensão de unidade, tamponando a dimensão da perda.

Por outro lado, o traço unário, ao contrário, sendo esse traço distintivo, marcado pela pura diferença, marca a divisão do sujeito pela própria linguagem, onde algo que diz respeito ao objeto se perde. Ou seja, na constituição do sujeito o traço unário tem função de traço distintivo, traço que inscreve no ser falante a diferença como tal.

Lacan (1961-62) aproxima essa função do traço unário do que Freud chama de *narcisismo das pequenas diferenças*: “Freud à frente do que ele chama de narcisismo das pequenas diferenças, é a mesma coisa que chamo de função do traço unário” (Lacan, lição de 28/02/1961 - inédito). Para Lacan (1961-62), a partir de uma pequena diferença que se constitui “o grande I, do ideal do eu, que se pode acomodar todo propósito narcísico” (Lacan, lição de 28/02/1961 - inédito). Por isso, tomaremos o narcisismo das pequenas diferenças como tema do nosso próximo capítulo.

4. NARCISISMO DAS PEQUENAS DIFERENÇAS E SEGREGAÇÃO SOCIAL

No texto de *Psicologia das massas e Análise do Eu* já é possível vislumbrar que a lógica presente para a formação do grupo acarreta, por um lado, o fascínio pelos ideais do grupo e, por outro, um horror à diferença, que surge como ameaça mediante a coesão grupal.

Freud (1921/2020) estabeleceu os processos internos à massa, especialmente os de identificação, assim como descreveu uma “economia libidinal” própria das massas, dissolvendo os limites entre a psicologia individual e a psicologia social. A abordagem assumida por Freud permite a descrição dos processos de identificação inconscientes e os investimentos libidinais do grupo, sobretudo no que diz respeito à submissão às cegas aos ideais de um líder, a lógica de funcionamento do amor, do ciúme e a intolerância à diferença.

Na passagem de um indivíduo para condição de massa, “segundo Le Bon, apagam-se as aquisições singulares do indivíduo, e com isso a sua singularidade desaparece” (FREUD 1921/2020, p.142). Há diversas mudanças que ocorrem na vida de um sujeito quando passa a fazer parte de uma grande massa. Dentre tais mudanças, Freud (1921/2020) chama atenção para o aumento do sentimento de onipotência que se imagina possuir e para a incapacidade de se tolerar um mínimo de espera para a realização do que se anseia. Destaca-se também o apagamento das diferenças individuais em prol da uniformização das massas, além da facilidade com a qual cada membro se deixa influenciar pelos valores ali difundidos. Entendemos que na massa estabeleceu-se certa homogeneidade onde seus integrantes supõem-se indiferenciados. Isso nos conduz a um certo paradoxo que Freud (1921/2020) soube evidenciar na formação da massa: a singularidade de cada um é suportada na medida em que essa singularidade é perdida.

Ao mesmo tempo em que estaria presente esse efeito de uniformização dos indivíduos, uma das principais consequências da constituição da massa é o direcionamento do ódio a todos os que dela são diferentes. A respeito da intolerância, Freud ressalta:

Depois que o apóstolo Paulo fez do amor universal pela humanidade o fundamento de sua comunidade cristã, a extrema intolerância do cristianismo contra aqueles que permaneceram de fora tornou-se uma consequência inevitável (Freud, 1930/2020, p. 367).

Abre-se, portanto, espaço para a agressividade voltada aos que não pensam, sentem ou se comportam conforme o padrão da massa. Esse modelo das massas freudiana nos leva a considerar uma segregação que se produz pela identificação entre os membros do grupo. Em vista disso, nos interessa considerar as vicissitudes da agressividade e do ódio que o grupo

endereça para o que se apresenta como diferente, ou externo a ele. Como já dito, a massa, organizada a partir de um ideal, ao mesmo tempo em que favorece o pertencimento ao grupo, se fortalece na medida em que os afetos de hostilidade são dirigidos para aquilo que é externo, o que consideramos como o princípio das práticas segregativas. Segundo o psicanalista Daniel Omar Perez (2018), o sentimento de ciúme ou de inveja pode aparecer na constituição de identidades individuais e coletivas; podemos reconhecê-los nos seguintes enunciados: “o negro não trabalha, o judeu tem dinheiro, o favelado recebe tudo do Estado sem trabalhar enquanto eu trabalho e pago impostos, etc.” (p. 33).

Nos exemplos acima, haveria a ideia de que determinada pessoa ou grupo estaria usufruindo de algo que a princípio deveria me pertencer, no entanto, sou privado. Portanto, nesses casos haveria demandas não satisfeitas.

A psicanálise abre espaço para pensarmos esses sentimentos de aversão e hostilidade que estão presentes na relação com o outro e podem apresentar-se na forma de ambivalência afetiva com pessoas que amamos; ou de forma narcísica e agressiva para aqueles que nos são estranhos; ou, ainda, em um “narcisismo das pequenas diferenças”, que é evidente nas relações de proximidade. Não obstante, predomina a ideia de que a rivalidade entre os grupos surge nas suas grandes disparidades, nas suas grandes diferenças. Veremos como, nas observações de Freud (1921/2020), o que ocorre é exatamente o oposto: é nas pequenas disparidades, nas pequenas diferenças que surge o ódio entre rivais. Por isso, decidimos entender como o termo “narcisismo das pequenas diferenças” atrela-se a esses processos de segregação entre grupos; para isso, vamos retomar essa expressão em três momentos: (1) *O tabu da virgindade* (1918); (2) *Psicologia das massas e Análise do Eu* (1921); (3) *O mal-estar na civilização* (1930). Partindo dessas leituras, buscaremos desvelar como a segregação é homóloga à constituição libidinal das massas descritas por Freud. Antes, porém, analisemos de perto essa expressão.

4.1 Narcisismo e diferença: uma construção antitética

Começamos com a análise dos termos que compõem a expressão freudiana *narcisismo das pequenas diferenças*. Vamos adotar a argumentação assumida por Reino (2012) de que o narcisismo das pequenas diferenças é uma construção antitética. Trataremos tal expressão ao modo freudiano:

Iremos nos posicionar ingenuamente em relação a ela, como se ouvíssemos falar pela primeira vez. Assim, não poderemos reprimir um sentimento de surpresa e de estranhamento (FREUD, 1930/2020, p. 360).

Desde 1913, no seu texto sobre o *interesse da psicanálise para ciência da linguagem*, Freud (1913/2016) já havia dito que na linguagem do sonho sentidos contrários se reúnem, tal como sucedeu nas mais antigas raízes das línguas históricas. O psicanalista faz referência aos trabalhos do filólogo Karl Abel. Em 1910, mediante a leitura casual de um trabalho do linguista Abel, que fora publicado em 1884, sobre o *sentido antitético das palavras primitivas*, o psicanalista retoma, mais uma vez, o sentido de oposição e contradição nas manifestações oníricas, onde opostos são combinados numa unidade ou representados como uma coisa só. Freud (1910/2019) aproxima o sentido antitético das palavras primitivas das manifestações oníricas pela compreensão da peculiar tendência do trabalho do sonho de ignorar a negação e de exprimir opostos com um só meio de representação; é nesse sentido que o trabalho do sonho coincide com uma peculiaridade das línguas mais antigas que conhecemos.

Pois bem, Freud (1910/2019) se propõe a comentar um trabalho de Abel, publicado em 1884, incorporado aos *Sprachwissenschaftliche Abhandlungen* [Ensaio de linguística], que trata de um fenômeno linguístico específico: a utilização de uma mesma palavra para denotar significados opostos. Nos exemplos utilizados por Abel, o autor cita a palavra latina *sacer*, que significa, ao mesmo tempo, sagrado e maldito. Ele também menciona um certo número de casos apresentados como exemplos na língua egípcia, onde não existiam palavras apenas com significados contrários: forte/fraco, luz/escurecimento, mas também palavras compostas: velho-jovem, longe-perto. Ou seja, no início, havia antíteses, uma palavra apresentava dois significados contrapostos ou uma palavra trazia a marca da oposição. Havia um grande número de palavras que designavam uma coisa e seu contrário ao mesmo tempo.

A explicação de Abel é que não apenas a significação, mas a existência de uma palavra só é possível através da oposição de uma a outra. Por exemplo, só tivemos a necessidade

de uma palavra para definir dentro devido à da nomeação daquilo que está fora. Assim, as palavras são criadas em pares: dentro-fora, claro-escuro, bonito-feio. Uma vez que para saber o que é bonito dever-se-ia ter em mente o que é feio, poder-se-ia utilizar a mesma palavra para se referir a ambos. Como dito anteriormente, Freud já havia chegado a algo parecido ao estudar os sonhos onde “os opostos são combinados numa unidade ou representados como uma só coisa” (Freud, 1900/2020, p.232). Com isso, concordamos com Reino (2012) de que a expressão *narcisismo das pequenas diferenças* “parece guardar certa semelhança com esse tipo de construção antitética (ou onírica), pois junta numa mesma expressão termos opostos: *narcisismo e diferença*” (p.108).

Ressaltamos que ao opor narcisismo e diferença não buscamos repetir o ideário *viva a diferença*. Segundo Kelly Cristina Brandão (2014), esse ideário “denota a ambição exacerbada de que *todos* estejam harmoniosamente juntos” (p.211). Se retomamos essa expressão considerando seu sentido antitético é para alcançarmos a questão: de que se trata esse narcisismo atrelado às pequenas diferenças? Se “na vida psíquica o outro é, via de regra, considerado como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário” (FREUD, 1921/2020, p. 137), o outro aparece como imprescindível para o sujeito se constituir enquanto tal. No entanto, parece haver aí uma série de obstáculos que se opõem ao seu reconhecimento, obstáculos que entrelaçam o narcisismo do sujeito com a alteridade. Segundo a psicanalista Betty Bernado Fuks (2003), “a ideia de reconhecimento do outro, no que força o pensamento a absorver o entendimento da alteridade, obriga a tomada de posição ética capaz de fazer frente a violência [...] e outras formas da hodiernas da intolerância” (p. 60).

Retomando o texto de Freud, vamos analisar o *narcisismo das pequenas diferenças* a partir de uma leitura que conjuga os achados presentes no texto de 1924, *O declínio do complexo de Édipo*. Veremos que lá o psicanalista analisa o esforço do menino em não reconhecer a diferença trazida pela mulher, “sua descrença no genital feminino” (Freud, 1924/2018, p. 250). Essa diferença contrasta com uma das primeiras teorias da sexualidade infantil, a suposição de um monismo sexual para todos os indivíduos, isto é, contrasta com a fantasia sexual infantil de um monismo fálico – de que todos possuem o falo, com suas variações, por exemplo, na menina irá crescer. Esse esforço de não reconhecer o genital feminino revela que “tudo se passa como se o reconhecimento da diferença se confundisse com o reconhecimento da castração” (REINO, 2012, p.108); “e quando, em psicanálise, fala-se em horror a castração está se falando da angústia que a diferença causa” (FUKS, 2003, p.67); ou, ainda:

A diferença trazida pela anatomia feminina (verdadeiro signo da alteridade) coloca em xeque a projeção corporal narcísica. Já não é mais possível sustentar a fantasia de que todos os corpos são dotados de falo. O que significa que já não é mais possível ter uma projeção plena do próprio corpo e do corpo do outro, ou *falta algo em meu corpo* (caso da menina) ou *pode ser que eu venha a perder algo* (caso do menino). Em suma, o reconhecimento da diferença sexual abala fortemente os contornos da imagem corporal – um dos nomes do narcisismo (REINO, 2012, p. 109).

Portanto, tudo que difere desse narcisismo é vivido como uma ameaça a sua integridade. Isso se dá justamente porque é a partir do outro que torna-se possível ao sujeito construir uma imagem unificada de si. Daí todo o esforço de afastar de si aquilo que poderia manchar essa imagem unificada. Entendemos que não é apenas a diferença sexual que ameaça a integridade narcísica do Eu, trata-se aí da relação com seu semelhante:

Nas aversões e repulsas que emergem explicitamente contra estranhos que estão próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor por si próprio, de um narcisismo a que anseia por sua autoafirmação e que se comporta como se a ocorrência de uma irregularidade em suas formações individuais trouxesse consigo uma crítica a elas e uma convocação a configurá-la (FREUD, 1921/2020, p.175).

De volta ao contexto de 1921, o narcisismo também pode se opor ao reconhecimento do outro. Nas palavras de Freud (1921/2020) “a satisfação pulsional escapa da influência de outras pessoas ou renuncia a estas” (p. 137). Nesse amor por si mesmo revela-se uma prontidão para o ódio, uma agressividade cuja origem é desconhecida. No entanto, compreendemos que “para que o outro seja reconhecido enquanto tal, há de ocorrer necessariamente uma mudança psíquica” (Reino, 2012, p.109). Assim, se algo do narcisismo das pequenas diferenças está presente na mudança psíquica para a constituição libidinal da massa, há nuances que uma análise desse termo pode nos auxiliar a desvendar. Nesse sentido, nos interrogamos: do que se trata um narcisismo na teoria freudiana que não se dissocia da diferença, mas atrela-se a ela? Freud deixa indícios de um narcisismo que se enoda nas pequenas diferenças para se valer enquanto tal. Passamos agora às primeiras considerações a respeito desse termo na teoria psicanalítica, para extrairmos daí aquilo que o narcisismo das pequenas diferenças traz como consequências ou produz como efeitos na constituição libidinal da massa psicológica.

4.2 Primeiras palavras em torno do narcisismo das pequenas diferenças

A primeira proposição freudiana acerca do narcisismo das pequenas diferenças ocorre no texto *O tabu da virgindade*, em que Freud (1917/2019) reconhece o papel das pequenas diferenças na compreensão dos conflitos. Apesar de sua aparição na teoria psicanalítica ser datada do texto de 1917, há ao menos dois outros textos em que ele discute esse termo, a saber *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) e *O mal-estar na cultura* (1930). No texto sobre *O tabu da virgindade* ele se refere a um estudo feito pelo antropólogo britânico Crawley, que trouxe a ideia de que as pessoas são separadas umas das outras por um *taboo of personal isolation* (tabu do isolamento pessoal):

Com expressões que diferem apenas ligeiramente da terminologia utilizada pela psicanálise, Crawley afirma que cada indivíduo se isola dos demais através de um “tabu de isolamento pessoal”, e que justamente as pequenas diferenças, em meio à semelhança em todo o resto, fundamentam os sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles. Seria convidativo perseguir essa ideia e propor derivar desse “narcisismo das pequenas diferenças” a hostilidade que vemos em todas as relações humanas lutar com sucesso contra os sentimentos de união e vencer o mandamento do amor generalizado aos seres humanos (Freud, 1917/2019, p. 164).

No referido artigo de Freud publicado em 1917, o psicanalista deriva desse *taboo of personal isolation* um narcisismo das pequenas diferenças. Neste mesmo artigo, discute-se a intocabilidade da mulher nos povos primitivos e os motivos da virgindade ter se tornado um tabu. Embora não seja o objetivo da discussão neste texto esmiuçar as questões que se apresentam em *O tabu da virgindade* (1917/2019), o valor de tal artigo apresenta-se para nós porque Freud, ao considerar os fatores que podem explicar o tabu da virgindade, elenca que esse tabu abrange toda vida sexual. Diante disso, Freud evidencia em sua explicação que as mulheres representam um risco para o homem e que “lá onde o primitivo estabeleceu o tabu, é onde ele teme o perigo” (Freud, 1917/2019, p.163).

Citando Crawley, que explica que cada indivíduo é separado do outro por um “tabu de isolamento pessoal”, Freud (1917/2019) propõe que seria interessante desenvolver essa ideia de um narcisismo das pequenas diferenças, ao qual corresponderia o fundamento da hostilidade baseado nas estranhezas que comportam as relações de proximidade. Essa rejeição narcísica do homem para com a mulher, segundo Freud (1917/2019), liga-se ao complexo de castração, o medo de perder o falo. Daí a sua afirmação de que “o primitivo institui o tabu lá onde teme o perigo [...] ele não separa o perigo material do psíquico, nem o imaginário do real” (Freud,

1917/2019, p.165). Neste enunciado, concordamos com Fuks (2003) quando afirma que “a descoberta freudiana tem como fundamento enfrentar a inquietação do outro enquanto mal-estar, a partir da permanência de uma outra cena em nós – o Inconsciente” (p.61). Em vista disso, diante do perigo que ameaça o homem primitivo, haveria uma projeção no mundo externo de suas próprias moções internas de hostilidade sobre os objetos que sente como desagradáveis ou estranhos. Ou seja, o que lhe é conhecido torna-se ao mesmo tempo infamiliar: algo que nos é, ao mesmo tempo, íntimo e desconhecido, familiar e estranho.

No artigo sobre *O tabu da virgindade* (1917/2019), depreendemos que o narcisismo das pequenas diferenças “está na base de constituição do eu, do nós e do outro, na fronteira que tem por função resguardar o narcisismo da unidade (FUKS, 2003, p.61). Ainda nos deparamos com outras duas importantes considerações: (1) a afirmação de que justamente as pequenas diferenças, em meio as semelhanças, que fundamentam os sentimentos de estranheza e hostilidade; (2) na hostilidade que acompanhamos em todas relações humanas degola-se o mandamento de amor generalizado aos seres humanos. Ao comentar o elevado valor do mandamento “Ama ao próximo como a ti mesmo”, Freud (1930/2020) não deixa de notar o impossível que se estabelece ali. Pontos estes que serão desenvolvidos mais adiante no texto *Psicologia das massas e análise do eu* e em *O mal-estar na cultura*.

4.3 O dilema do porco-espinho

No texto *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2020), também encontramos uma perspectiva freudiana sobre o narcisismo das pequenas diferenças. A ênfase é dada na maneira como os humanos em geral comportam-se afetivamente entre si, ou, ainda, uma perspectiva sobre o que está em jogo nas relações de proximidade. Nesse texto, ao apontar para *outras tarefas e orientações de trabalho* para a psicologia das massas, Freud apresenta uma parábola bem conhecida de seus leitores sobre a sociedade de porcos-espinhos para explicitar o narcisismo das pequenas diferenças. Essa parábola fora publicada em *Parerga e Paralipomena II*, do filósofo Schopenhauer, e citada na íntegra em nota de rodapé em *Psicologia das massas e Análise do Eu*. Vale a pena retomar o dilema dos porcos-espinhos como descrito pelo filósofo:

Num dia frio de inverno, uma comunidade de porcos-espinhos amontoou-se muito perto uns dos outros, para se proteger do congelamento através do calor recíproco. Entretanto, logo sentiram os espinhos uns dos outros, o que então novamente os afastou. Mas assim que a necessidade de aquecimento

novamente os aproximou, repetiu-se aquele segundo mal, de forma que eles foram jogados para lá e para cá entre os dois sofrimentos, até descobrirem uma distância intermediária, que lhes permitiu aguentar melhor a situação (SCHOPENHAUER, 1851/2000, p. 665).

Consideremos que a parábola porta em si dois impossíveis. O frio surge como o primeiro impossível que vem representar a impossibilidade de se viver sozinho, é justamente o frio que faz com que a comunidade de porcos-espinhos busque aproximação para se proteger do congelamento. Por outro lado, os espinhos corresponderiam ao segundo impossível, representando a impossibilidade de uma relação tão estreita, por isso, os porcos-espinhos devem separar-se para não machucar uns aos outros. Assim, com essa parábola, Freud parece apontar para o seguinte dilema: o ser humano precisa do outro para se constituir (se aquecer) e, junto a isso, o outro pode portar traços semelhantes que o próprio sujeito rechaça de si, o que desembocaria na hostilidade (os espinhos).

A parábola em si parece condensar tanto em tão pouco, no entanto, Freud (1921/2020) utiliza-se dela para fazer uma apropriação pontual. Vejamos como a ênfase dada por ele se relaciona com o narcisismo das pequenas diferenças.

Freud (1921/2020) testemunha, mais uma vez, que toda relação íntima e duradoura entre duas pessoas contém um sedimento de sentimento de rejeição e de hostilidade. Segundo o psicanalista, esses afetos só não seriam percebidos por serem recalçados. Em psicanálise, isso quer dizer que foram rechaçados da consciência por causarem desprazer. Mas como o recalçado insiste em emergir, esses afetos de hostilidades se apregoam às pequenas diferenças que surgem nas relações de proximidade. Posto isso, a ênfase de Freud (1921/2020) na parábola dos porcos-espinhos recai no segundo impossível – os espinhos. Freud parece apontar para a impossibilidade de uma relação muito próxima com outro, seja “relação conjugal, amizade, relação parental e filial” (Freud, 1921/2020, p.174).

Por essa razão, são nas aversões e repulsas que emergem contra aqueles que estão próximos que podemos reconhecer a expressão de uma amor por si próprio e “é inegável que nessa conduta dos seres humanos revela-se uma prontidão para o ódio, uma agressividade cuja origem é desconhecida” (Freud, 1921/2020, p.175).

Há, portanto, uma observação que salta aos olhos em *Psicologia das massas e análise do eu*, enquanto há uma condição onde essa intolerância desaparece, de forma temporária ou permanente: na formação de massa e na massa. Há condições psíquicas específicas que ocorrem na formação de massa, onde os espinhos tendem a sumir, mesmo que temporariamente.

Freud (1921/2020) destaca que nas massas os indivíduos conduzem-se de forma homogênea e passam a ter maior tolerância a singularidade do outro, chegando ao ponto de igualar-se a ele, não sentindo, portanto, nenhum sentimento de repulsa.

Trabalhamos a ligação afetiva entre os membros do grupo como fruto de uma identificação e agora compreendemos que nessa identificação entre os indivíduos do grupo certa *restrição do narcisismo* é produzida. À medida que essas condições atuam na formação da massa, o narcisismo das pequenas diferenças em sua primeira versão de 1917 parece se opor àquilo que Freud apresenta como a estrutura libidinal das massas em 1921. Uma vez que para a formação da massa é preciso certa restrição no narcisismo dos membros do grupo, algo da singularidade de cada membro também é perdida, o que justificaria que a tolerância entre os membros do grupo na massa seja elevada – tal efeito de uniformização da massa. Freud (1921/2020) demonstra como esse narcisismo que tenderia a desaparecer no interior da massa retorna, de forma elevada, na oposição que se estabelece contra aquele que não pertence a respectiva massa:

Isso fica mais explícito a cada vez que um sócio briga com seu colega, que um subordinado resmungue contra seu superior. O mesmo acontece ainda quando os seres humanos se reúnem em unidades maiores. Toda vez que duas famílias se ligam através de um casamento, cada uma delas se considera melhor e mais distinta que a outra. De duas cidades vizinhas, cada uma se torna a concorrente invejosa da outra; cada pequeno cantão olha do alto para o outro com desprezo. Tribos estreitamente aparentadas repelem-se mutuamente, o alemão do sul não suporta o alemão do norte, o inglês diz todo o mal possível sobre o escocês, o espanhol despreza o português (Freud, 1921/2020, p.174).

Segundo Reino (2012), inicialmente o narcisismo das pequenas diferenças era uma garantia de uma unidade com o Eu, agora, passa a ser a garantia de coesão e singularidade da massa: “essa segunda versão do narcisismo das pequenas diferenças em Freud permite analisarmos esse fenômeno no âmbito social” (p.115). Nesse sentido, localizamos uma disponibilidade para hostilidade dirigida àqueles que estão um pouco mais além do espelho, esse horror ao não-familiar, elevado pela condição de massa, parece desembocar nas práticas segregativas. Em *Psicologia das massas e análise do Eu*, o crescimento dos fenômenos de segregação aparece ligado à estruturação das massas: quando é colocado o mesmo objeto (ou uma ideia) no lugar do ideal do Eu. No entanto, ressaltamos que embora o narcisismo das pequenas diferenças seja elevado pela condição de massa, onde pode surgir de forma desvelada, não é uma especificidade da massa.

Ainda assim, na teoria freudiana o psicanalista assevera que “haveria ainda muito mais a investigar e descrever na morfologia das massas” (Freud, 1921/2020, p.172). Vimos até aqui

que dois tipos de ligações afetivas dominam as massas artificiais (a igreja e o exército) descritas por Freud, que correspondem a ligação ao líder e a dos indivíduos entre si. Freud complementa que essa ligação pode tomar seu aspecto negativo, acentuando que o ódio contra determinada pessoa ou instituição poderia, da mesma forma, ter um efeito unificante e produzir ligações afetivas semelhantes, tal como a dependência positiva – a ligação produzida pelo amor de Eros. Ao considerar esses aspectos do narcisismo das pequenas diferenças em seu ensaio sobre as massas, nos interrogamos se poderíamos incluir outro tipo de ligação afetiva na estrutura libidinal da massa – as pulsões destrutivas.

4.5 Outro modo de constituição das massas

A formação da massa é retomada no *Mal-estar na cultura* (1930) a partir de outro patamar conceitual. Se trouxemos o conceito de *narcisismo das pequenas diferenças* até aqui é porque o acento já não recai mais na unificação do grupo, mas a ênfase é dada à hostilidade dirigida ao outro e à pulsão que a ele é destinada. Fazendo referência ao que foi posto em 1930, “sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade” (Freud, 1930/2020, p.366). Nesse sentido, entendemos que a massa torna-se uma vasto “continente” para as pulsões agressivas.

Em seu ensaio sobre o *Mal-estar na civilização*, nota-se que Freud (1930) privilegia a ligação do grupo pela pulsão destrutiva que é exteriorizada, como também aponta para a dificuldade dos seres humanos de “renunciar à satisfação dessa tendência à agressão” (Freud, 1930/2020, p.366). A discussão sobre essa renúncia pulsional é um debate bem conhecido entre os leitores de Freud, por isso, vale retomar alguns pontos que podem nos auxiliar na nossa discussão.

No ensaio *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno*, de 1908, Freud relata algumas teorias de médicos e cientistas sobre a incidência de doenças nervosas provenientes do processo civilizacional. De saída, Freud (1908/2019) rejeitará a etiologia apresentada por seus predecessores e fará sua contribuição ao estudo da doença nervosa moderna ao atribuir à *repressão sexual* maior parcela de culpa pelo estado acentuado da neurose. No que aponta Freud (1908), a civilização está calcada em uma moral sexual que obriga os homens a renunciarem, por via sublimatória, as suas pulsões. Numa leitura psicanalítica, nossa cultura repousa na coerção das pulsões e nós renunciamos a uma parcela de nossas pulsões em prol de uma

propriedade comum civilizada, “dessas contribuições originou-se o patrimônio cultural comum de bens materiais e ideais” (p.368). Nessa *primeira renúncia pulsional* haveria a tendência dessas pulsões sexuais recalçadas voltarem-se contra o sujeito sob a forma de angústia, originando sintomas.

Já em *O mal-estar na cultura* (1930/2020), Freud aponta, por um lado, para a tendência da cultura em ampliar seu patrimônio pelo amor, seja em sua forma comum sexual ou de forma indireta. Por outro lado, o psicanalista também aponta para outra tendência da cultura: “restringir a satisfação das pulsões, tanto sexuais, quanto as agressivas” (DIAS, 2009, p. 87). Um dos argumentos centrais do psicanalista recai na dupla renúncia pulsional a qual o sujeito está submetido na cultura, onde a civilização é analisada do ponto de vista de uma relativa autonomia da pulsão de morte⁴.

A novidade trazida no *Mal-estar* é a segunda renúncia pulsional, isto é, a restrição da pulsão destrutiva que é, no que lhe concerne, traduzida pelo imperativo “amar ao próximo como a ti mesmo”. Essa exigência que opera como freio à agressividade, por mais paradoxal que seja, decorre do desejo de destruir o próximo.

Esse desenvolvimento da teoria freudiana conflui para diferentes pontos sustentados no *Mal-estar na cultura*, de 1930. Freud (1930/2020) diz que na civilização há uma propensão para a destruição, onde a relação com o semelhante é um destino de satisfação, de onde surge a guerra, racismos, exploração, etc. Nesse sentido, haveria um esforço civilizacional de medidas para inibir esses impulsos agressivos, forçando o sujeito, a partir desse esforço de inibição, a criar meios de identificação com o semelhante. Nas palavras de Freud:

(...) o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender quando atacado (...) ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele utilizar-se sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo, para matá-lo. *Homo homini lupos*;

⁴ Segundo Laplanche & Pontalis (1992), “a noção de pulsão de morte foi introduzida em *Além do princípio do prazer* (1920) num registro fracamente especulativo; mas, a partir desse texto, Freud procura reconhecer os seus efeitos na experiência. Assim, nos textos posteriores, fala muitas vezes de pulsão de destruição, o que lhe permite assinalar mais exatamente a meta da pulsão de morte” (p. 398).

quem, depois de tudo que aprendeu com a história, tem coragem de discutir essa frase? (Freud, 1930/2020, p. 76-77).

Por esse motivo, Freud (1930/2020) justifica a existência de pequenos meios para expressar essa agressividade, dentre eles esse *narcisismo das pequenas diferenças*, cuja função é de satisfazer uma parcela dessa agressividade, possibilitando a convivência entre membros de uma comunidade.

Portanto, se por um lado precisamos renunciar às tendências sexuais sobrepujadas pelo princípio de realidade, por outro lado, Freud (1930) destaca a renúncia das pulsões destrutivas (pulsão de morte). Ele irá localizar nessas pulsões a inclinação para a agressão, isso que perturba nossa relação com o próximo e “obriga a cultura a arcar seus custos” (Freud, 1930/2020, p.364):

A cultura precisa tudo mobilizar para colocar barreira às pulsões de agressão dos seres humanos, para suprimir as suas manifestações através de formações reativas. Daí, portanto, o recurso a métodos que devem estimular os seres humanos a identificações e ligações amorosas inibidas quanto à meta, daí a restrição à vida sexual... (Freud, 1930/2020, p 364)

Os efeitos de tal renúncia percebida por Freud podem ser descrito na seguinte passagem:

Se a cultura impõe, não apenas à sexualidade, mas também à tendência à agressão do ser humano, tão grandes sacrifícios, então entendemos melhor por que se torne difícil para o ser humano nela sentir-se feliz (Freud, 1930/2020, p. 367).

No que diz respeito à tendência a agressão do ser humano, parece que ainda há lugares privilegiados na cultura onde se pode, podemos dizer, exteriorizar essas pulsões destrutivas, visto que a despeito de todo empenho, esse esforço da cultura de barrar as pulsões destrutivas não obteve muito até êxito agora. Evidentemente, como bem demonstrou Freud (1930/2020), não é fácil para os seres humanos renunciar à satisfação dessa tendência à agressão.

[...] o próximo não é, para ele, apenas um possível colaborador e um objeto sexual, mas é também uma tentação, de com ele satisfazer a sua tendência à agressão, de explorar sua força de trabalho sem compensação, de usá-lo sexualmente sem o seu consentimento, de se apropriar de bens, de humilhá-lo, de lhe causar dores, de martirizá-lo e de matá-lo (Freud, 1930/2020, p.363).

No *Mal-estar*, reconhecemos no narcisismo das pequenas diferenças uma “satisfação conveniente e relativamente inofensiva tendência à agressão, através da qual é facilitada a coesão dos membros da comunidade” (Freud, 1930/2020, p.367). Mencionando o texto de *Psicologia das massas e análise do Eu*, Freud continua:

Uma vez, ocupei-me com o fenômeno de que justamente comunidades vizinhas e até próximas umas das outras em outros aspectos atacam-se e ridicularizam-se, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do norte e do sul, os ingleses e os escoceses, etc. Dei a esse fenômeno o nome de “narcisismo das pequenas diferenças” (Freud, 1930/2020, p. 367).

Observamos que aqui, em 1930, a formação da massa é retomada e analisada de outro modo. A diferença de como é analisada a formação de massas em 1921 e em 1930 é marcante e essa mudança ocorre pela própria forma como Freud relê o narcisismo das pequenas diferenças à luz da pulsão de morte. Se em 1921: “Uma massa primária como essa é uma quantidade de indivíduos que colocaram um e o mesmo objeto no lugar de seu Ideal do Eu” (Freud, 1921/2020, p.192), não há menção a pulsão de morte. Já em 1930, a formação da massa torna-se pretexto para exteriorização da agressividade, “não se deve menosprezar a vantagem de um círculo cultural mais restrito, a de permitir à pulsão encontrar uma saída na hostilização daqueles que se acham fora dela” (Freud, 1930/2020, p.366). Portanto, neste ponto, a identificação e união entre o grupo ocorre, pois há outro a quem se pode hostilizar. Ressaltamos que essas análises não se excluem, de forma que nossa tarefa visa a traçar um diálogo mais profundo entre os conceitos freudianos e as questões que o autor apresenta em diferentes momentos da sua obra.

Nesse sentido, entendemos que a formação das massas está relacionada com o conceito de narcisismo das pequenas diferenças, já que, para que ela se constitua, faz-se necessário o apagamento do narcisismo das pequenas diferenças entre os membros do grupo, mesmo que temporariamente. Esses dois conceitos entrelaçam-se à medida que o narcisismo das pequenas diferenças é responsável por resguardar a unidade do Eu e da massa. Diante disso, nota-se que a hostilidade que fora recalcada entre os membros do grupo retorna, num segundo momento, para os vínculos sociais intergrupais. Não obstante, a massa também está relacionada com pulsões de agressividade, afinal, sua unidade também ocorre quando há um outro a quem se possa dirigir essa pulsão.

Temos, portanto, dois momentos da leitura da formação de massas: (1) a discussão da identificação pela partilha de laços comuns entre os membros da massa; (2) a massa também se forma por colocar um mesmo objeto no lugar da receptividade do ódio. Todos esses momentos dizem respeito ao âmbito do que Freud (1930/2020) chamou de “*miséria psicológica das massas*” (p.368).

Ao trazer esse termo, Freud o situa além das tarefas de restrição pulsional para as quais estamos preparados, referindo a miséria psicológica das massas como um perigo e que tal perigo torna-se mais ameaçador “lá onde a ligação social é estabelecida sobretudo por identificação entre si, enquanto personalidades de liderança não atingem aquela importância que lhes seria devida na formação de massa” (Freud, 1930/2020, p.369). Em nota referente à “a miséria psicológica das massas”, Freud propõe o retorno ao seu ensaio de 1921.

Vale retomar aquilo que Freud (1921) pontuou sobre a desintegração da massa em *Psicologia das massas e análise do Eu*, onde o psicanalista traz a marca do pânico como fator decisivo para desintegração da massa. Ou seja, quando as ligações libidinais recíprocas cessam “um medo [*Angst*] gigantesto e sem sentido é liberado”. Freud utiliza-se do pânico militar como exemplo e, ao ressaltar que o pânico não surge em relação ao perigo que se apresenta, é para as ligações afetivas que ele inclina suas observações. Estas ligações conduzem nosso olhar para a escolha objetal assumida pela massa.

4.6 Considerações finais

Para pensarmos o narcisismo das pequenas diferenças e alguns aspectos da segregação social, recorreremos a quatro textos de Freud: dois textos que nos auxiliam a pensar as primeiras inscrições do narcisismo das pequenas diferenças na teoria freudiana, bem como o sentido antiético que tal expressão carrega; e dois textos que nos apresentam pistas para pensar os processos segregativos nas massas e suas construções.

No texto sobre *o interesse da psicanálise para a ciência da linguagem* (1913/2016), Freud baseia-se no sentido antético presente nas primeiras línguas, onde os opostos são combinados em unidade ou representados como uma coisa só. O narcisismo das pequenas diferenças, por sua vez, revela seu sentido antitético por valer-se da pequena diferença para se valer enquanto tal. Nas massas, portanto, as agressividades e rivalidades encontrariam seu apoio nas relações de proximidade com outros grupos vizinhos.

Já em *O tabu da virgindade* (1917/2019), Freud escreveu as primeiras palavras em torno do narcisismo das pequenas diferenças. Ele deriva de um *taboo of personal isolation*, onde discute a intocabilidade da mulher nos povos primitivos e os motivos da virgindade ter se tornado um tabu. Assim sendo, Freud (1917/2019) compreende que estabelecemos um tabu

justamente onde tememos um perigo e que haveria uma projeção no mundo externo de nossas próprias moções internas de hostilidade. Em vista disso, dirigiríamos nossa hostilidade para aquilo que consideramos estranho.

Posta essas primeiras considerações sobre o *narcisismo das pequenas diferenças*, nos reencontramos com a questão a respeito das massas e suas formações. Neste terreno, o narcisismo das pequenas diferenças atua como fato de unificação do Eu e também como fator de unificação da massa. Destacamos, por ora, as considerações de Betty Fuks sobre este fenômeno:

Levando o fenômeno do narcisismo das pequenas diferenças ao paroxismo, desembocamos na segregação e no racismo, tal como os definem a psicanálise: a repulsa do sujeito ao que lhe é mais íntimo é tomado pelo eu como algo que lhe é externo, a quem se endereça o ódio: o estrangeiro (FUKS, 2003 p. 37).

Pelo *narcisismo das pequenas diferenças* demos um passo na direção ao potencial de exclusão das massas, assim como evidenciamos que o paradoxo presente em *Psicologia das massas e análise do eu, onde Freud* (1921/2020) testemunha, mais uma vez, que toda relação íntima e duradoura contém um sedimento de rejeição e hostilidade. Esse horror ao não-familiar, tornou-se, na massa, um ideal de homogeneização, como na canção de Caetano Veloso: “narciso acha feio o que não é espelho”.

No texto sobre *O mal-estar na cultura*, Freud (1930/2020) retoma a formação da massa a partir do narcisismo das pequenas diferenças. Se antes este conceito representava uma garantia de unidade do eu, neste momento da obra destaca-se que o narcisismo das pequenas diferenças também é uma garantia de unidade da massa. Consideramos que no intuito de buscar uma unidade – todos iguais –, a formação de massas submetidas aos ideais de um líder desemboca na segregação e no extermínio, ou seja, na eliminação de toda diferença. A rigor, a leitura empreendida por Freud (1921/2020) em *Psicologia das massas e análise do Eu* pode nos nortear na compreensão de fenômenos totalitários.

O texto de Freud (1921/2020) explicita o apelo à unidade como uma característica dos movimentos da massa psicológica, apontando para o potencial destrutivo que essas massas comportam. Acompanhamos na história que o ideal de pureza nazista e das massas fascistas assentiu com a aniquilação dos que eram considerados diferentes, dos estrangeiros, dos ditos impuros. Esse parece ser um fundamento que encontramos nas massas neofascistas ainda hoje. No Brasil, o ideal de igualdade congrega-se em torno daquilo que se pinta como verde e amarelo e o inimigo é tudo aquilo que se pinta de vermelho. Ler o texto freudiano considerando o

contexto de sua época nos permite inferências de sua análise para o mundo atual, porém, neste escrito, não temos a pretensão de universalização da teoria freudiana, tampouco equivaler momentos históricos distintos.

Contudo, vale ressaltar que buscamos, numa leitura psicanalítica, oferecer um dispositivo para a compreensão da individualidade e do grupo. Examinar os processos de identificação permite uma maior compreensão na forma como nos relacionamos com os ideais e com os objetos. Isso nos permite interrogar os sintomas e as formas como eles se apresentam na clínica contemporânea. O que os sintomas (ou os diagnósticos) cada vez mais indiferenciados nos indicam a respeito da relação dos sujeitos com os outros? Tentemos, a seguir, uma pequena articulação da discussão dos elementos reunidos nesta dissertação com vistas a situar a dependência da constituição subjetiva dos fenômenos sociais.

5. CONCLUSÃO

Iniciamos nosso trabalho apresentando alguns aspectos da leitura de Freud sobre os teóricos da psicologia das multidões. Vimos que a ênfase dada por esses autores na formação das massas recai na explicação pela via da sugestão. Definimos que a massa constitui-se por laços libidinais, afirmando um desvio, não somente quanto à teoria da sugestão, quanto às teorias do contágio e da imitação. Deu-se, assim, o início de um percurso teórico na psicanálise que fundamentasse a compreensão dos vínculos indivíduo-grupo em sua correlação com a constituição subjetiva e das massas.

No retorno à Freud (1921/2020) aqui empreendido, o ensinamento surge não apenas dos enunciados, mas também dos procedimentos. Vale a pena reler a introdução de *Psicologia das massas e Análise do eu* cujo título indica, claramente, o duplo campo em que as identificações operam. Percebe-se aí que Freud (1921/2020) colocava o problema do que nós chamamos, hoje em dia, o laço social, aquele em relação ao qual tanto se inquieta. Freud (1921/2020) acrescenta ainda algo. A psicologia individual é uma psicologia social, que se opõe a outros processos, ditos narcísicos, nos quais a satisfação pulsional se subtrai à influência de outras pessoas ou renuncia a isto. É desde esse ponto que Freud aborda o problema da massa, a partir da objeção narcísica, por assim dizer. No entanto, a todo momento de *Psicologia das massas e análise do Eu*, evidencia-se a tessitura que inclui o narcisismo “individual” nos fenômenos das massas. Busca-se no grupo, especialmente na figura do líder, o substituto para as necessidades narcísicas não satisfeitas ou até uma forma de reviver as que foram satisfeitas, naquele que vem representar o ideal do Eu, substituto simbólico do narcisismo primitivo.

Nessa relação entre necessidades narcísicas satisfeitas e insatisfeitas, Freud (1921/2020) recusa a ideia que estava no ar de alguma pulsão social originária (como o instinto gregário) e sustenta que os começos da formação de um suposto agrupamento, uma disposição para o laço social, são para serem procurados no círculo mais estreito da família, isto é, ali onde está em jogo a libido individual.

Acompanhamos também, a propósito da Igreja (católica) e do Exército, que em ambos os grupos prevalecem a ilusão de Cristo ou do General como seus respectivos líderes. Nessas instituições se produz algo que é impensável para Freud, isto é, a suspensão dos sentimentos hostis, negativos, de ambivalência, ou seja, a suspensão do narcisismo que não se encontra em nenhuma outra parte, salvo no amor – a pulsão de Eros. A massa transforma o indivíduo em um nível muitas vezes profundo, nela o indivíduo não perde somente sua capacidade de julgar, de

pensar, ele renuncia a sua própria singularidade. Para Freud (1921/2020), a questão é saber como pode ocorrer tal limitação do narcisismo; a resposta: “ela só pode ser produzida por um único fator, pelo laço libidinal a outras pessoas” (p.59).

No capítulo VII sobre a identificação, depois de ter afirmado sua hipótese sobre as ligações amorosas, Freud (1921/2020) recua um pouco e questiona se o amor é o único tipo de laço com o objeto ou se há outros mecanismos de laço. Ele imediatamente afirma que sim: a identificação, que ele introduz, então, como sendo não homogênea ao amor, mas outra coisa, restando saber como os dois se articulam.

Nesse percurso, passamos a enfatizar uma via de leitura que considera o inconsciente e as identificações provenientes do Eu, de modo que as identificações são localizadas em três tempos:

- 1) O laço afetivo primordial entre os seres humanos. Identificação pré-edípica com incorporação do objeto. Trata-se da identificação que surge nos *Três ensaios*, denominada canibal, situada na fase oral;
- 2) A introjeção do objeto perdido, evidenciando a formação do ideal do Eu e a instância julgadora derivada do Eu. A identificação ao sintoma (momento edípico) da pessoa amada que tem como exemplo a tosse do pai do caso Dora;
- 3) A discussão das identificações entre os membros do grupo que partilham algo em comum (dissolução do complexo de Édipo). Neste caso, trata-se da identificação com o Eu ideal produzindo a identificação de comunidade.

Tendo assim enlaçado a psicologia das multidões ao aparato libidinal, tratamos das identificações em Freud, o que nos permite depreender alguns pressupostos. Em termos gerais, podemos dizer que a identificação é o processo de assimilação de atributos e traços de outros seres humanos pelos quais se constitui e se transforma o próprio sujeito.

Na *interpretação dos sonhos* (1900), a identificação aparece como *identificação histórica*, onde o traço ao qual o sujeito se identifica é incorporado pelo sujeito da identificação. A identificação ocorreria, portanto, com algo que é estranho e que pertence ao próprio sujeito ao mesmo tempo. O fenômeno de incorporação de um traço do objeto torna-se fundamental para os fenômenos de massa.

Em *Três ensaios para uma teoria sexual* (1905), Freud avança nessa relação entre identificação e incorporação. Trata-se aí de um momento fundamental para a constituição do

sujeito onde a atividade sexual ainda não se separou das necessidades orgânicas, onde ainda não há uma diferenciação entre sujeito e objeto. Daí podermos observar que a meta sexual é a própria incorporação do objeto, porém, neste momento ainda não há uma distinção estabelecida entre o exterior e o interior.

Em *Totem e Tabu* (1913), Freud demonstra a experiência de devorar o inimigo como uma experiência de amor do canibal em relação àquele que é devorado, uma vez que o canibal não come aquele que não gosta. Nota-se que no ato de devorar o canibal incorpora, apropria-se das qualidades de quem foi devorado. No caso do assassinato do pai, o pai é devorado pelos filhos e suas propriedades seriam incorporadas por todos que compartilham, por identificação, do mesmo elemento em comum de união.

Em *Introdução ao narcisismo* (1914), a identificação comparece no deslocamento da escolha de objeto narcísica para a relação de substituir os objetos de satisfação (substituto dos pais), abrindo uma condição de possibilidade para as relações que possibilitam o jogo das identificações com os objetos substitutivos.

No campo das identificações predomina olhar para os modos de (não) distanciamento entre o sujeito e o objeto da identificação. Nesse processo, destacamos os seguintes procedimentos: incorporação, introjeção e idealização. Todos procedimentos que comparecem na formação da massa psicológica. Nesse cenário, o conceito de identificação mostrou-se fundamental na análise dos processos de socialização do humano, no que diz respeito a sua inserção na vida em sociedade. O conceito chave que permite pensar a identificação enquanto estruturante para o sujeito e estruturante do social é o traço unário. Para Lacan (1961-62), o traço unário seria, antes, um traço distintivo, de pura diferença, que marca a divisão do sujeito pela própria linguagem. Assim, podemos distinguir o *UM* do traço unário e o *UM* da unificação e do ideal presente nas massas, tanto no que diz respeito a unidade do eu, quanto ao encarnar a figura do líder, tal como o modelo apresentado por Freud (1921) referente a formação de grupo.

No terceiro capítulo desta dissertação, nos propomos a pensar outro modo de constituição da massa que Freud (1921/2020) destaca no terceiro capítulo de *Psicologia das massas e análise do eu* e também no *Mal-estar na civilização*. Freud (1930/2020) diz que existem massas movidas pelo ódio, ou seja, o ódio também pode vir a ser cimento para a constituição de uma massa. Os sentimentos de ódio, aversão e hostilidade, presentes na relação com o outro, podem apresentar-se na forma de ambivalência afetiva com pessoas que amamos; de forma narcísica e agressiva para os que nos são estranhos; ou em um “narcisismo das

pequenas diferenças”, evidente nas relações de proximidade. Na verdade, inclusive, o narcisismo das pequenas diferenças desaparece no interior da massa entre seus integrantes para, somente em um segundo tempo, retornar na oposição que se estabelece entre grupos, partidos, facções etc. A pesquisa afirma a condição de segregação e exclusão inerente às coletividades desde a sua formação.

Após nosso percurso, podemos ensaiar uma formalização que poderia ser utilizada para pensar o que *Psicologia das massas e análise do eu* nos ensina sobre a constituição da subjetividade, pois, na teoria freudiana, as massas e a constituição do sujeito partem de um mesmo dispositivo conceitual. Esta formalização faz eco à afirmação freudiana da não separação entre uma psicologia individual e uma psicologia social. Assim, na história individual, as identificações se processam na formação da experiência de incorporação de um ideal.

Um ideal que tende a ser devorado, a ser incorporado, após cumprir sua função de interditar o acesso ao objeto de desejo primordial – o que já obriga o sujeito a outra forma de identificação. O sintoma que aparece na renúncia pulsional a nível individual é revivido na coletividade e outra forma de identificação tem lugar – uma identificação não edípica, fundada na constatação de que estamos todos submetidos a mesma lei. Isso pode levar a busca por líderes que novamente venham ocupar o lugar de Ideal do Eu? Ou de um outro grupo para o qual iria se dirigir a agressividade? Nas massas, a presença do ideal do Eu representa a anulação da singularidade dos membros do grupo que, em última instância, desemboca na segregação localizada nas pequenas diferenças. No entanto, Freud (1921/2020) também destaca uma forma de identificação em que não prevalece a presença do líder. O autor retoma a identificação histórica como uma identificação que se dá através de um traço em comum com outra pessoa que não é alvo de investimento libidinal e que participa da formação neurótica dos sintomas. Esse processo de *infecção psíquica* ultrapassa a imitação, como já discutido anteriormente. Portanto, através desse “algo em comum” os “eus” identificam-se entre si.

Por fim, terminamos com uma interrogação a respeito do que seria a tão mencionada singularidade do sujeito, de fato, apenas mencionada por Freud, mas tão em voga entre os psicanalistas de orientação lacaniana. Indagar a singularidade pela via da orientação lacaniana remete-nos às diversas possibilidades de seus recortes teóricos. Mas, dando prosseguimento ao percurso teórico apresentado neste trabalho, pensaremos a problematização acerca da

singularidade pela via da identificação com o traço unário na medida em que ele é preceptor da diferença.

Vimos que, para Freud (1921/2020), a articulação entre singularidade e os modos de ligação com o objeto perpassa tanto os fenômenos de enamoramento quanto a identificação, uma vez que esses representam o modo de ligação com o outro. No entanto, retomando a leitura do *O Seminário, livro 9: A identificação* (1961-62), Lacan (lição 6/12/1961 – inédito), compara o traço unário às marcas incrustadas na costela de um cabrito que ele viu em um museu. O psicanalista destaca que, por mais que possamos supor que as marcas sejam oriundas de caçadas, só quem fez as marcas sabe o que elas significam. Essas marcas são significantes, portanto, não há como distingui-las: como saber qual foi a primeira caçada? O que foi caçado em tal ocasião?

Lacan (1961-62) destaca que dessas marcas, do traço deixado surge alguma coisa nova. Uma sucessão de *Uns*, contáveis, praticamente iguais, uma série de bastões irá adquirir a função de significante na medida em que puderem ser diferenciados, assim, um significante só se define em sua relação diferencial com outros significantes: um significante é o que os outros não são. Portanto, é a partir da definição do *um* como diferença que o psicanalista pode extrair a origem do significante. Este momento remete-nos à instauração do sujeito com o símbolo que torna possível a instalação do traço unário, o traço da diferença, mesmo que tal diferença seja mínima, tal como nos apresentou Freud (1921/2020).

Essas são pistas que nos permitem pensar o traço unário como suporte do significante e como aquilo que possibilita a instauração do sujeito em sua singularidade. Assim, além de ter proposto a estudar o conceito de identificação em Freud, este trabalho também é um primeiro passo em direção às elaborações lacanianas, que buscou em *Psicologia das massas e análise do eu* a fundamentação para conceitos como o traço unário. Ainda restam muitos pontos para investigar, pois, tal como no ensaio freudiano, a teoria psicanalítica compreende um ponto inesgotável de questões a seres articuladas.

6. REFERÊNCIAS

- Adorno, Theodor W. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: FREITAS, Verlaine. Ensaio sobre psicologia social e psicanálise. São Paulo: Unesp, 2015.
- Bon, Gustave Le. A era das multidões (1895). In: Le Bom. Psicologia das multidões. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- Calvino, I. Por que ler os clássicos (2007). In: Italo Calvino. São Paulo: Companhia das letras
- Dias, M. G. L. V. Identificação e enlaçamento social: a importância do fator libidinal. São Paulo: Escuta, 2009.
- Florence, K; & MANNONI, M. In: As identificações na clínica e na teoria psicanalítica, (1994). Maud Mannoni. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Freud, S. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1895). In: Standard. Imago: Rio de Janeiro.
- Freud, S. A deformação onírica (1900). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, volume 4: A interpretação dos sonhos. [Tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, (2020).
- Freud, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos. [Tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- Freud, S. Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci (1910). In: FREUD Sigmund. Obras incompletas de Sigmund Freud. Arte, literatura e os artistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- Freud, S. Sobre o sentido antitético das palavras primitivas (1910). In: Freud Sigmund. Obras Completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“o homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos. [Tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Freud, S. Totem e Tabu (1913). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, volume 11: Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. [Tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- Freud, S. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos. [Tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos. [Tradução Paulo César de Souza] São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Freud, S. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). In: FREUD, Sigmund. Obras incompletas de Sigmund Freud. Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Freud, S. O eu e o id (1923). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, volume 16: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

- Fuks, B. Freud e a cultura (2003). In, São Paulo: Schwarcz-Companhia das letras, 2003.
- Goldenberg, R. Psicologia das massas e análise do eu: Solidão e multidão. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2015.
- Hoffman, C., & Birman, J. O avesso do populismo. In: CHRISTIAN Hoffmann; JOEL Birman. Psicanálise e política: uma nova leitura do populismo. São Paulo: Instituto Langage, 2018.
- Lacan, J. (1961-1962/ 2003). O seminário livro – A identificação. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife (publicação interna não comercial).
- Lacan, J. (1945). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. Um novo sofisma. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Lagache, Daniel. Vocabulário da psicanálise Laplace e Pontalis (1998). In: Vocabulário da psicanálise Laplace e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes.
- Nominé, B. Primeira conferência: 7 de novembro de 2014. BERNARD Nominé. Sobre identidade e identificações: conferências (2014-2015). Editora Blucher, 2018.
- Pereira, F. M; Kuppermann, D. (2017). Por que Freud, hoje? Zagodoni editora, São Paulo, 2017.
- Reino, L. M. G. (2012) Três estudos sobre o conceito de narcisismo das pequenas diferenças: origem, metapsicologia e formas sociais. Reino Luiz Moreno Guimarães. Dissertação de mestrado em psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo, 2012.
- Rivera, T. Por uma psicanálise a favor da identidade. RIVERA Tania. Revista Cult, 2020. [Por uma psicanálise a favor da identidade - Revista Cult \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/revista-cult/por-uma-psicanalise-a-favor-da-identidade)
- Roza, G. L. *A Pesquisa de tipo teórico*. Psicanálise e Universidade, Revista da PUC-SP. n. 1, 1994.
- Safatle, V. Curso Psicologias do fascismo. VLADIMIR Saflate. Universidade de São Paulo, 2019. [DOC\) Psicologias do fascismo - curso completo \(2019\) | Vladimir Safatle - Academia.edu](https://www.academia.edu/44444444/DOC_Psicologias_do_fascismo_-_curso_completo_2019_Vladimir_Safatle_-_Academia.edu)
- Safatle, V.; Nelson, da S; Christian, D. Narcisismo: identidade e diferença – uma unidade em tensão? Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico. Autêntica, 2018.
- Schopenhauer, A. (1851). Parerga e Paralipomena: Ensaios filosóficos curtos (Vol.1). Universidade de Oxford, 2000.
- Silva, K. C. B. (2014). Educação inclusiva: para todos ou para cada um? Alguns paradoxos (in) convenientes. Tese de doutorado em psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo, 2014.